

Revista **PRÓ-MEMÓRIA**

Sumaré • Dezembro de 2016 • Nº 3 • ISSN 2359-1013

Sumaré



Educação e Pertencimento



**ASSOCIAÇÃO
PRÓ-MEMÓRIA
SUMARÉ**

Créditos

DIRETORIA DA ASSOCIAÇÃO PRÓ-MEMÓRIA DE SUMARÉ – 2016/2018

Presidente: Roberto Cordenonsi
Vice Presidente: Alaerte Menuzzo
1º Secretário: Wellington Correia de Oliveira
2º Secretário: Wesley da Silva de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdomiro Villis Klava
2º Tesoureiro: José Antonio Rodrigues
Diretor de Patrimônio: Fernanda Gabriela Biondo
Vice Diretor de Patrimônio: Ulisses Pedroni
Diretor Social: Glauce Ongaro
Vice Diretor Social: Francisco Antonio de Toledo

CONSELHO FISCAL

Herman Yanssen
Julio José Campigli
Wilson Oschin Alves

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Aléssio Biondo Junior
Anete Maria de Azevedo
Laerte A. Dell'agnezze

DIRETORIA ADJUNTA

Alan Cardeque Simões de Almeida
Benedito Aparecido Pianoski
Bruno Izaías da Silva
Eduardo Gigo
Everaldo Jose Ricatto
Fábio Araújo Pires
Gutemberg Portella
Jarbas Teixeira
José Cunha Filho
Rander Cabral
Rubens Inácio dos Santos
Silvia Marques
Silvio César Coltro

ORGANIZAÇÃO

Fernanda Gabriela Biondo

REVISÃO

Alaerte Menuzzo
Fernanda Gabriela Biondo
Francisco Antonio de Toledo

EQUIPE TÉCNICA

Adriele Aline Alloi
Sonia Maria de Oliveira Fregatti

JORNALISTA RESPONSÁVEL

Odair Silva Santos - MTB 44.122

IMAGENS

Acervo Associação Pró-Memória de Sumaré

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Andressa Pirschner Assunção

EDIÇÃO e CO-EDIÇÃO

Editora Seta Regional / Oca Editora

IMPRESSÃO

Gráfica Mundo Digital

PATROCINADORES

Câmara Municipal de Sumaré
Germânica Veículos
DeBrito Propaganda
AVM Imóveis



Revista Pró-Memória
Dezembro de 2016

Tiragem: 2.500
ISSN 2359-1013



Revista
PRÓ-MEMÓRIA
Sumaré

Educação e
Pertencimento

2016 nº 3

ISSN 2359-1013

Praça da República 102 – Centro – Sumaré/SP
promemoriasumare@gmail.com
promemoriasumare.com.br
19 3803-3016





Fernanda Gabriela Biondo

Apresentação

*(...) Eu vivo nas tuas igrejas
e sobrados e telhados e paredes.*

*Eu sou aquele teu velho muro
verde de avencas onde se debruça
um antigo jasmineiro, cheiroso
na ruinha pobre e suja.*

*Eu sou estas casas encostadas
cochichando umas com as outras (...)*

Cora Coralina

É inspirada pelas belíssimas palavras de Cora Coralina que a Associação Pró-Memória de Sumaré apresenta a Terceira Edição da REVISTA PRÓ-MEMÓRIA, com o tema **Educação e Pertencimento**.

O marco histórico que inspirou esta edição foi a *comemoração dos 90 anos da Escola Estadual Prof. André Rodrigues de Alkmim*. Este também foi o tema central do III Fórum Pró-Memória de Sumaré, ocorrido dia 12 de novembro de 2015, que apresentou três palestras ministradas por profissionais com ampla experiência na educação sumareense no intuito de dialogar com o público presente questões relacionadas a identidade, a memória e ao pertencimento da população em relação ao município em que, não apenas habitam, mas vivem, convivem, interagem, criam e recriam histórias e experiências.

Educação, como diria Paulo Freire, é caminho para a responsabilidade social e política. É caminho para o diálogo, para a reflexão crítica, para a liberdade dos homens. É, portanto, instrumento fundamental para se pensar nas relações e interações existentes numa localidade, num município. Já a palavra *Pertencimento* pode nos remeter ao sentimento de pertencer a um determinado lugar. Mas, não “qualquer lugar”. Lugar é um espaço dotado de significado e carga simbólica, lugar é espaço vivido pelos que lá moram ou trabalham quotidianamente. Todos nós temos e pertencemos a lugares. E não apenas um lugar, mas vários, que ressignificamos dinamicamente ao longo do tempo e dos contextos de vida que levamos.

Compreendendo que este tema é merecedor de atenção e dedicação, a terceira edição da REVISTA PRÓ-MEMÓRIA, procurou reunir artigos de profissionais da cultura, educação e preservação para debater os diversos aspectos relacionados à integração da população do município de Sumaré, sob o prisma da educação e do pertencimento. Foi organizada de modo a apresentar a trajetória e os desafios dos doze anos de atuação da Associação Pró-Memória, assim como artigos que elucidem e registrem o debate realizado pela fala dos palestrantes do III Fórum.

A educação formal em Sumaré, ou seja, aquela que ocorre nas instituições de ensino, desde o primário até o superior, foi tema de destaque desta edição da REVISTA PRÓ-MEMÓRIA, contemplada em artigos que abordam, respectivamente: o papel das escolas para a integração dos moradores de Sumaré; a história da Escola Ângelo Campo Dall’Orto; a história do Grupo Escolar de Rebouças; as ações voltadas à integração e pertencimento realizadas pela Secretaria Municipal de Educação de Sumaré; e um relato sobre o “Projeto Piruetas”, realizado em Nova Veneza. Por fim, apresenta o projeto “Minha Escola é Assim...”, realizado para a comemoração dos 90 anos, da EE.Prof. André Rodrigues de Alkmim.

A integração das regiões de Sumaré e a influência das divisões territoriais e administrativas sobre o sentimento de pertencimento dos seus moradores também é tema contemplado nesta edição, com entrevistas realizadas com moradores dos bairros do Matão e da Área Cura. A Revista reúne, também, artigos que versam sobre os diferentes aspectos que relacionam o município de Sumaré com o campo da Educação, por meio da relação entre o presente e o passado, do esporte e da música. Por fim, apresentam-se noções conceituais sobre a educação no campo da preservação do patrimônio cultural.

A Associação Pró-Memória de Sumaré espera que este debate seja continuamente retomado, gerando reflexão, integração e, principalmente, a interação dos moradores de Sumaré. ●

Sumário

- 06** Associação Pró-Memória: Um Desafio Permanente
Roberto Cordenosi
- 09** Sumaré: Uma Cidade de Migrantes
Francisco Antonio de Toledo
- 13** Uma experiência pedagógica de sucesso
José Antonio Rodrigues
- 17** As Escolas de Sumaré e o Processo de Integração
Alaerte Menuzzo
- 22** Escola Ângelo Campo Dall’Orto: 50 Anos em Prol da Educação, Formando Novas Gerações
Julio Jose Campigli
- 28** O Alkmin no Processo de Integração
Ulisses Pedroni
- 30** Sumaré: educação, integração e pertencimento
Secretaria Municipal de Educação de Sumaré
- 36** O Projeto Piruetas
Hugo Jasiulionis
- 39** Minha escola é assim...
Escola Estadual Prof. André Rodrigues de Alkmin
- 42** Presente e Passado
Glauce Ongaro
- 46** Matão é Sumaré?
Entrevista
- 49** Os Bairros da Área Cura
Entrevista
- 51** Educação e Esporte em Sumaré: uma experiência de vida
Edemilson Vermelho
- 55** Música: fator para agregação social
Ema Regina Bianchi Aguiar
- 58** Fragmentos de um discurso sobre educação
Ana Carmen Amorim Jara Casco
- 62** **Sócios Contribuintes**
- 63** **Autores**



Roberto Cordenonsi

Associação Pró-Memória: Um Desafio Permanente

Toda instituição social, pública ou privada, desempenha papel importante na sociedade. Ela se forma e se constitui pela ação conjunta de um grupo de cidadãos com interesses comuns. Os associados têm consciência de que podem realizar novos projetos e dar novos rumos à cidade ou ao país. Tem consciência de que podem construir nova história.

A Associação Pró-Memória de Sumaré acredita nesse projeto, que é dinâmico e desafiador. Dinâmico porque não para de caminhar, e desafiador porque a cada dia surgem novas dificuldades e enfrentamentos. Doze anos depois de fundada, a Pró-Memória ostenta uma história cheia de resultados que podem envaidecer qualquer cidadão. Por isso, e para que Sumaré conheça melhor essa instituição e a valorize em sua justa medida, deixamos aqui registrada sua breve história.



Gramofone
Acervo Pró-Memória de Sumaré

A Associação Pró-Memória nasceu oficialmente em janeiro de 2004. Bem antes disso, foram plantadas algumas sementes que devagar foram germinando. Desde os anos sessenta, ou até antes, já havia uma preocupação de escrever a História de Sumaré. Foram iniciativas válidas, mas isoladas e pontuais. As publicações sobre a História da cidade cumpriram a função de olhar o passado, trazê-lo ao presente e chamar a atenção dos cidadãos para suas raízes. O poder público municipal porém pouco se envolveu no trabalho de resgatar e preservar o passado de Sumaré de



Acervo Pró-Memória de Sumaré

maneira metódica e científica. Em função dessa desídia muita coisa se perdeu.

Foi então que algumas pessoas tomaram a iniciativa de fundar uma entidade com o objetivo específico de recuperar, preservar e divulgar a história da cidade. Nas atas da fundação da Pró-Memória constam os nomes dos responsáveis por esse empreendimento: Alaerte Menuzzo, Francisco Antonio de Toledo, Leovigildo Duarte Júnior e Ulisses Pedroni. Da fundação oficial constam também os nomes de 32 cidadãos que apoiavam a iniciativa.

Sem lugar onde se instalar, a nova entidade se deslocava de um lugar

para outro, até conseguir um espaço decente em 2011, no prédio da antiga Subprefeitura de Sumaré, na Praça da República, cedido pela Prefeitura Municipal. Esse prédio histórico é hoje o Centro de Memória “Thomaz Didona”. Nesse local mantém arquivo próprio, que abriga perto de 250 mil documentos, mais de 120 mil fotos digitalizadas, livros, revistas, jornais, LPs, CDs, DVDs e outros objetos. O acervo documental da Câmara Municipal, com quase 400 caixas, também está sob a custódia da Pró-Memória, embora em outro prédio, ao lado do Paço Municipal. Para manter esse enorme acer-

Doze anos depois de fundada, a Pró-Memória ostenta uma história cheia de resultados que podem envaidecer qualquer cidadão.

vo e disponibilizá-lo ao público, a Associação conta com o apoio da Prefeitura, da Câmara e com a contribuição de patrocinadores culturais, dos sócios da entidade e do trabalho voluntário sistemático



Acervo Pró-Memória de Sumaré



de vários associados. A Pró-Memória realiza um amplo trabalho com estudantes, professores, pesquisadores e comunidade em geral, para fomentar o conhecimento e a pesquisa de todos os aspectos históricos do Município de Sumaré. Promove exposições públicas com documentos, fotografias, e palestras em escolas, comunidades de bairro, e empresas. Publica semanalmente artigos e fotos em jornais da cidade. Edita um DVD mensal com todas as matérias publicadas nos jornais, acrescido de um vídeo histórico. Mantém um site, disponível para consultas e pesquisas, com rádio WEB, bem como uma página no facebook, com mais de 5 mil amigos.

O primeiro presidente da Pró-

Memória foi Alaerte Menuzzo, em seguida o professor Francisco Antonio de Toledo, depois o professor José Antonio Rodrigues e atualmente é o empresário Roberto Cordenonsi.

Para que se tenha uma ideia do amplo trabalho da Pró-Memória, listamos suas realizações nesses últimos anos.

1. Aquisição de vários computadores e de HD externo para salvar arquivos mais pesados.

2. Exposições de fotos, caricaturas, pinturas, peças de artesanato de artistas locais.

3. Produção e entrega mensal aos associados de um DVD contendo textos sobre Sumaré produzidos e publicados nos jornais locais.

4. Realização de festas comemorativas, como Centenário da Paróquia e 90º aniversário da Escola Alkmin, na Praça da República.

5. Realização de vários fóruns sobre assuntos pertinentes à história da cidade.

6. Publicação anual da “Revista Pró-Memória”

7. Palestras nas Escolas municipais e estaduais aos professores e alunos sobre a História de Sumaré.

8. Visita ao Centro de Memória de alunos e professores das escolas e das Faculdades de Sumaré.

9. Publicação no jornal Tribuna Liberal de artigos, textos e fotografias do acervo sobre Sumaré. Publicação em 2016 do livro “O Bairro do Cruzeiro”.

10. Participação na publicação (2014) do livro “Participação” sobre as Entidades Assistenciais de Sumaré, editado pela Prefeitura.

11. Participação na restauração (2016) do prédio da antiga Delegacia de Polícia de Sumaré, dotando o espaço de muitas imagens históricas cedidas pela Pró-Memória.

12. Envio diário de e-mail a mais de 3 mil contatos.

13. Programa semanal na Rádio Nova Sumaré de entrevistas com moradores e entidades da cidade.

14. Além de ser declarada de Utilidade Pública, a Pró-Memória recebeu em 2015 o troféu da ACIAS como Entidade do Ano.

Por essas e outras realizações, a Associação Pró-Memória pode se orgulhar de ser um patrimônio de Sumaré, um bem que pertence ao seu povo. Mas também é um desafio que todos precisamos enfrentar, cuidando cada vez mais do que é nosso. ●



Sumaré -Uma Cidade de Migrantes¹

O município de Sumaré tem algumas características importantes que o tornam bem diferente dos demais. A meu ver, a característica mais notável do município é a composição de sua população e a distribuição dela no território.

Acho importante falar primeiro sobre a **composição da população**. Essa me parece a chave para lançar um pouco de luz sobre o problema da identidade de Sumaré. Num segundo momento, falaremos sobre a **distribuição da população** no território e, finalmente, do sentido de **pertencimento e identidade**.

1. A COMPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO

Pelo Censo de 2010 (IBGE), a população de Sumaré era de 241.000 habitantes, sendo que apenas 81.853 eram naturais de Sumaré, e 159.000 não eram nascido aqui. Isso significa que 2/3 dos que moram em Sumaré vieram de fora, isto é, são migrantes.

Nesses últimos 50 anos, o Município foi palco de uma revolução populacional como poucas na História do Brasil. Só na década de 1970/1980, a população cresceu 341%, isto é, de 23.000 passou para 101.000 habitantes. É um índice assombroso, capaz de desestruturar econômica, social e administrativamente qualquer cidade. Veio gente de todos os estados do Brasil, em especial do Nordeste e de Minas Gerais.

2. A DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO

Outra grande mudança provocada pela migração foi a distribuição da população pelo território. Em 1970, a população de Sumaré era de 23.000 habitantes, sendo 13.996 no centro, 4.630 no distrito de Hortolândia e 4.440 no distrito de Nova Veneza, ou seja, a maioria da população estava no Centro. Em 2010, a população da área central era de 45.841 habitantes, sendo que a população dos bairros somavam 193.000 habitantes. Significa que a grande maioria da população atual está na periferia!

A migração virou Sumaré de ponta cabeça. Do ponto de vista político-econômico-administrativo a cidade perdeu sua centralidade. Até do ponto de vista geográfico, a cidade se confinou no leste do território, encostando-se em Campinas e voltando as costas para o oeste, que se transformou num grande vazio. Não só, o que é mais gra-

1 Trabalho apresentado no III Fórum Pró-Memória Sumaré, em 12/11/2015, cujo tema foi Educação e Pertencimento.



ve, os loteamentos e futuros bairros, formaram áreas descontínuas, sem ligação entre si e com a área central. Isso porque a abertura de loteamentos se fez ao sabor de interesses particulares, sua localização foi aleatória e alheia a qualquer diretriz de um Plano Diretor. De tal maneira, que existem 6 cidades dentro do Município, quase isoladas, descontínuas e desarticuladas. Hoje Sumaré é dividido administrativamente em 6 regiões :

Região	Habitantes
Centro	45.841
Nova Veneza	34.337
Área Cura	50.946
Matão	36.982
Maria Antonia	38.528
Picerno	31.837

(IBGE – Censo 2010)

O que agrava a situação não é a existência das regiões em si, mas a localização delas no território e as dificuldades de articulação entre elas. A região do **Matão** está geograficamente mais voltada

para Campinas do que para o centro de Sumaré, quer pela distância, quer pela dificuldade de transpor a Anhanguera. A região de **Nova Veneza**, apesar de ultimamente estar mais integrada ao **Centro** por causa da nova Avenida da Amizade, sempre viveu meio isolada e voltada para a Anhanguera. A **Área Cura** (Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada) que nasceu em 1983, composta de uma população de baixa renda e com pouca infraestrutura urbana, sempre se sentiu isolada e desprestigiada pelo poder público. Área Cura e Matão foram as regiões dos maiores protestos populares nos anos 90. O **Picerno**, apesar de muito próximo do Centro, sofre pela barreira da ferrovia que o separa da cidade e o aproxima de Nova Odessa. A região do **Maria Antonia**, separada do centro pela Anhanguera, distante e meio isolada, com características próprias diferentes das do Matão, cresceu muito rápido, e chegou a ultrapassar a população do Matão e de Nova Veneza.

3. PERTENCIMENTO E IDENTIDADE

Historicamente, o causador da migração em Sumaré foi a industrialização a partir dos anos 50, que atingiu toda a região de Campinas, em especial o eixo Anhanguera. A indústria passou a ser alimentada em grande parte pela mão-de-obra barata, mas suficiente para atrair e segurar o exército de migrantes no seu novo destino.

De 1960 a 1970 – em apenas dez anos! - entraram 14.685 migrantes em Sumaré. Vinte anos mais tarde, em 1980, havia 82.620 migrantes aqui, de um total de 101.834 habitantes.

Essa avalanche migratória causou profundas e decisivas mudanças que a cidade não conseguiu absorver. Daí os problemas de infraestrutura, de saúde, escola, segurança, lazer, mobilidade urbana, saneamento... Não que ao migrante deva ser debitado esse ônus, mas à cidade que estava despreparada para acolher tantas mudanças.

O que importa é tentar entender o processo migratório que nos envolve a todos e precisa ser discutido, não simplesmente ignorado. Essa é a proposta do III Fórum Pró Memória de Sumaré. Por isso, vamos jogar um pouco de luz sobre o migrante – ator principal desse cenário.

Costuma-se dizer que Sumaré é uma cidade *sem identidade*, porque sua população é formada de migrantes. Costuma-se dizer também que a falta de identidade é gerada porque o morador de Sumaré

A falta do sentimento de pertencimento não permite que o cidadão adquira sua identidade com o lugar. Ele não se identifica com a cidade. Porque – como diz o conhecido geógrafo Milton Santos – “a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”. Ora, se a cidade não me pertence, eu não me identifico com ela.

não se sente pertencendo efetivamente à cidade. Ele **está** aqui, mas **não é** daqui, não se sente daqui. Grande parte dos moradores trabalha ou estuda fora da cidade. A cidade é apenas lugar de residência ou de dormitório. Ele parece não ter nenhum compromisso com a cidade. A cidade não é dele. Ele não tem raízes na cidade.

Essa falta de sentimento de pertencimento é agravada também por outros fatores. Um deles é “**a falta de espaços adequados de sociabilidade**”, como diz o sociólogo e especialista em demografia José Marcos, do Núcleo de Estudos da População da Unicamp. Isso em outras palavras significa falta de condições sociais básicas, como postos de saúde, espaços de lazer, escolas...

Outro fator agravante é o que os demógrafos chamam de **mobilidade pendular**, ou seja, o deslocamento diário das pessoas em busca de trabalho, estudo, lazer e cultura fora da cidade.

“Não é necessária nenhuma pesquisa para se perceber visualmente, no dia a dia, o movimento de automóveis, vans e ônibus que saem pela manhã de Sumaré com destino a Campinas e voltam no fim do dia. São milhares de pessoas do centro e da periferia, das mais variadas posições sociais, de trabalhadores braçais a executivos, de do-

mésticas a profissionais liberais, todos se deslocando de uma cidade para outra” (Toledo, Francisco Antonio. O Tempo e o Espaço do Migrante, São Paulo, Anadarco, 2009, p. 85).

Uma publicação bem recente mostra que a maioria das pessoas que saem para trabalhar ou estudar nos municípios da RMC são de Sumaré (50.361), depois Hortolândia (46.136) e Campinas (33.022). Esse movimento da população é maior entre as pessoas de baixa renda.

A falta do sentimento de pertencimento não permite que o cidadão adquira sua identidade com o lugar. Ele não se identifica com a cidade. Porque – como diz o conhecido geógrafo Milton Santos – “*a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence*”. Ora, se a cidade não me pertence, eu não me identifico com ela.

É curioso, mas sintomático, observar que o migrante, deslocado de suas raízes, procurou construir em Sumaré, uma identidade que não encontrou aqui. Por isso também, como o migrante não consegue ignorar ou esquecer sua história passada, fica indiferente às características de sua nova realidade e demora para criar novas relações. É então que ele tende a re-criar seus lugares na expectativa de preservar seu modo de ser e se identificar com o novo espaço. Com medo de perder a identi-

dade que tinha trazido de fora, o migrante precisou criar aqui sucedâneos. É o caso típico do líder comunitário Zé Galinha, conhecido morador do Maria Antonia, que fundou ali a Associação dos Mineiros. É a Casa do Norte que vende produtos nordestinos... É a Folia de Reis, trazida por mineiros e baianos, que por muitos anos existiu em Sumaré... e agora está em Hortolândia (que antes era distrito de Sumaré).

Em Sumaré, há um discurso segundo o qual os migrantes são bem-vindos. Os próprios migrados se dizem às vezes bem recebidos, mas, veladamente são rechaçados se não se adaptam ou não assimilam os padrões de vida e a cultura do sumareense. Daí a expressão ainda usada para com o migrante: **forasteiros**. Em conversas informais, transparece, ainda hoje, o preconceito contra o migrante que invadiu o feudo da tradicional família sumareense.

Sumaré não se deu conta da dimensão do fenômeno da migração. Nem a comunidade, nem o poder público, nem as lideranças da cidade. Os frágeis governos municipais, ao longo desses 50 anos, foram incapazes de criar estruturas de centralidade capazes de aglutinar, ou ao menos ouvir, as aspirações da periferia, amenizando o entrave das distâncias físicas e sociais.

Porém, essa adaptação e essa construção de uma nova identidade é

um processo longo, de décadas, e só acontecerá se, e quando, o migrante e seus filhos tiverem envolvimento com seu novo destino.

E isso é um trabalho que cabe em grande parte ao Poder Público e à Escola como a mais importante instância educadora, num trabalho permanente de interação com a família do aluno. É importante também que a Escola ajude a despertar no aluno certo orgulho pela sua cidade. Porque é a partir do local onde ele vive, que o aluno começa a construir sua identidade e se tornar membro ativo da sociedade. O aluno passa aos poucos a entender melhor a sua comunidade escolar, inserir-se nela e valorizá-la. Uma vez se identificando com o local, ele tende a contribuir para seu desenvolvimento, cria raízes e valoriza sua história.

É isso exatamente o que a Associação Pró-Memória vem fazendo há mais de dez anos.

Mas, só o tempo é capaz de abrir essa percepção e fazer surgir uma nova cidade.



“Migrar é sair do seu lugar, envolvendo processos de desterritorialização e reterritorialização, que não são necessariamente sucessivos nem ordenados. Que significa, para a constituição da identidade e do eu, o rompimento da ligação original ser-lugar-natal? Em termos ontológicos, há um abalo na segurança existencial e na identidade territorial que precisam ser compreendidos como elementos centrais do processo migratório” (Marandola Jr., Eduardo e Dall Gallo, Priscila Marchiori. *Ser Migrante: Implicações Territoriais e Existenciais da Migração* VI Encontro Nacional Sobre Migrações, Belo Horizonte - agosto 2009).

“Cada vez mais, no Brasil, as pessoas mudam de lugar ao longo da existência; o número dos que vivem fora do lugar onde nasceram aumenta de ano para ano, de um recenseamento a outro. Condenar os indivíduos à imobilidade seria igualmente injusto. Mas as migrações brasileiras, vistas pelo ângulo da sua casa, são verdadeiras migrações forçadas, provocadas pelo fato de que o jogo do mercado não encontra qualquer contrapeso nos direitos dos cidadãos. São, frequentemente, também migrações ligadas ao consumo e à inacessibilidade a bens de serviços essenciais” (Santos, Milton. *O Espaço do Cidadão*. Obra citada, p. 60. ●



BIBLIOGRAFIA

CUNHA, José Marcos Pinto da (org). *Novas Metrôpoles Paulistas: População, Vulnerabilidade e Segregação*. Campinas, Unicamp, NEPO. 2006.

SOUZA, Maria Adélia de (org). *A Metrópole e o Futuro*. Campinas. Edições Territorial, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

SANTOS, Milton. *O Espaço do*

Cidadão. 7ªed. São Paulo: Edusp, 2007.

BAENINGER, Rosana. *Espaço e Tempo em Campinas: Migrantes e a Expansão do Polo Industrial Paulista*. Campinas, Unicamp, 1996.

_____. *Região Metropolitana de Campinas: expansão e consolidação do urbano paulista*. Disponível em www.nepo.unicamp.br/textos

TOLEDO, Francisco Antonio de. *Sumaré, o Tempo e o Espaço*

do Migrante. São Paulo Editora Anadarco, 2008.

COSTA, Maria Teresa. *Migração acelera crescimento da RMC* in Correio Popular - Campinas, 20/04/2008.

COELHO, Lilian Reichert. *Migração, etnoterritorialidade e pertencimento no interior de Rondônia*, Ponto Urbe (online) p. 11.

Campinas 233 anos – *A influência dos migrantes* – Fluxo migratório moldou Campinas in Correio Popular – Campinas, 14/07/2007.



Uma Experiência Pedagógica de Sucesso



Diante da temática do III Fórum “Educação e Pertencimento” promovido pela Associação Pró-Memória de Sumaré, com relevância na Educação como caminho único para o desenvolvimento cultural

da população Sumareense e consequente integração e pertencimento, oportunizamos nesse momento, apresentar um projeto pedagógico desenvolvido no âmbito da E.E. Prof. André Rodrigues

de Alkmin, com envolvimento de pais, alunos e comunidade.

Começamos com um pouco de história.

O Grupo Escolar de Rebouças foi criado em 28 de maio de 1925, a

primeira escola da cidade. O primeiro prédio ficava na esquina da Rua Antonio do Vale Mello com a Praça da República.

Em 1º de janeiro de 1945, Rebouças passou a se chamar Sumaré e a escola: Grupo Escolar de Sumaré. Em 14 de fevereiro de 1945, recebeu o nome de Grupo Escolar Professor André Rodrigues de Alkmin.

Em 1958 foi construído o prédio atual, na Rua Dom Barreto, 1158. Este prédio foi ampliado em 1988, passando de 5 para 8 salas de aula, mais o pátio coberto, novos sanitários e cozinha. E, em 1991, recebeu mais 2 salas. Em 2009, teve uma de suas duas quadras poliesportivas, coberta.

Na década de 1970, passou a ser Escola Estadual. Ao longo de sua história, alfabetizou milhares de reboucenses e sumareenses.

Entre 1980 e 1990, chegou a atender 1.200 alunos nos Ensinos de 1º grau até 8ª série e no Ensino Supletivo de 2º Grau, além de pré-escola e classes de Educação Especial.

Hoje, a Escola Estadual Professor André Rodrigues de Alkmin atende crianças dos 7 aos 11 anos, com Ensino Fundamental até o 5º ano. Conta com 2 Salas de Recursos atendendo deficientes auditivos e intelectuais. Conta ainda com equipamentos modernos e atualizados, funcionários capacitados e pró-ativos, corpo docente competente, atento e cooperativo, oferecendo ensino-aprendizagem de alta qualidade

de aos nossos alunos. Além disso, conta com gestores presentes, engajados em oferecer o melhor para o aluno, nosso objetivo principal.

É com muito orgulho que reavenciamos esta história tão importante, junto com todas as pessoas que por ela passaram, como alunos, professores, funcionários, ou ainda como gestores, todos atores desta belíssima história de dedicação e sucesso.

Com o pensamento de resgatar a história a fim de apropriarmos da mesma e pertencermos a todo o seu sucesso, surgiu, em consenso, a proposta da comemoração do Aniversário da Escola, em 2005.

Por que comemorar o Aniversário da Escola?

A EE.Prof.André Rodrigues de Alkmin é a mais antiga instituição de Ensino de Sumaré.

Por ela passaram, em todos os tempos, personalidades da comunidade sumareense.

Diante da importância da Escola como elemento propulsor da riqueza intelectual de nossa comunidade faz-se importante desenvolver um projeto objetivando reconstruir o trajeto, o papel exerci-

do e a importância da Escola para a comunidade em geral.

As áreas envolvidas no Projeto foram Linguagens e Códigos e Ciências Humanas com ênfase nos temas transversais: Ética e Cidadania

Com essa ideia, a escola buscou atingir os objetivos:

- Oportunizar aos alunos, familiares e cidadãos em geral, a possibilidade de conhecer a trajetória da Escola.

- Mobilizar toda a comunidade escolar e segmentos da sociedade em torno da história da Escola.

- Levar professores, alunos e familiares à pesquisa, vivenciando dados históricos que envolvam a Escola.

- Recontar a história do Grupo Escolar de Rebouças.

- Fazer concursos com objetivo de se obter um Hino para a Escola e uma Bandeira que represente as glórias da Escola dentro da Comunidade Sumareense.

- Publicar um volume com a história e fotos históricas da escola.





Com o pensamento de resgatar a história a fim de apropriarmos da mesma e pertencermos a todo o seu sucesso, surgiu, em consenso, a proposta da comemoração do Aniversário da Escola, em 2005. Por que comemorar o Aniversário da Escola?

Para concretizar os objetivos, foram propostos os seguintes procedimentos pedagógicos:

- Fazer um levantamento de professores, diretores e funcionários que tenham trabalhado e, contribuído na construção da história da Escola, para serem entrevistados.
- Selecionar, dentre esses participantes do processo alguns para serem entrevistados pelos alunos e professores.
- Levantamento e pesquisa de fotos antigas e familiares dos alunos e demais pessoas que passaram pela Escola.
- Exposição de fotos antigas e atuais da Escola e participantes do processo.

- Oportunizar um momento religioso e ecumênico, envolvendo todos para marcar o aniversário da Escola.
- Concurso para concepção da Bandeira da Escola, envolvendo todos os segmentos da Escola e aberto ao público em geral que tenha passado pelos bancos da Escola.
- Concurso para composição do Hino da Escola, todos os segmentos da Escola e aberto ao público em geral, passado pelos bancos da Escola e ainda mantém vínculo afetivo com ela.
- Concurso interno para eleição do mascote e do logotipo de aniversário da Escola.
- Organização do jornal mensal a ser redigido pelos alunos,

professores e funcionários.

- Seleção dentre os classificados da Bandeira e do Hino da Escola.
- Lançamento do Projeto “Histórias da EE.Prof.André Rodrigues de Alkmin”, com a edição comemorativa de um livro.
- Noite de autógrafos e Coquetel de lançamento do livro e encerramento do projeto.
- Organização de uma Comissão de professores e pais de alunos para o desenvolvimento do projeto.
- Envolvimento dos historiadores da cidade e ATPs da Diretoria de Ensino.

A fim de apropriarmos da história e das novas descobertas, algumas ações foram desencadeadas:

A primeira referiu-se à grafia correta do nome “Alkmin”.

Essa pesquisa provocou viagens ao Sul de Minas Gerais, mais propriamente a Baependi, cidade natal de André Rodrigues de Alkmin para resgate da cópia da certidão de nascimento junto ao Cartório de Registro Civil da cidade.



O passado (com avós) e o presente (netos) juntam-se no momento para celebrarem o mesmo fato: o pertencimento à nossa escola e sua história.

Tentativa infrutífera, pois, conforme informações do oficial do cartório, antes da Proclamação da República, não havia Registro Civil de Nascimento.

A busca continuou na cidade de Campanha, junto à Diocese onde resgatamos cópia fidedigna do batistério do professor André.

Em Guaratinguetá, muitas informações sobre a vida funcional do nosso Patrono, como professor, diretor e inspetor escolar.

Em Itu, a cópia da certidão de casamento foi conseguida e finalmente, junto à Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, o decreto de 14 de fevereiro de 1945, outorgou o nome do Prof. André como Patrono da Escola que ficou Grupo Escolar Prof. André Rodrigues de Alkmin. Assim, apropriamo-nos da grafia correta: “ALKMIN”.

Agora, seguros da verdade, foi feita a identificação da escola em seus frontais e pátio.

O Grêmio Estudantil também teve participação atuante definindo, junto aos alunos através da escolha pelo voto, nas cores oficiais da escola (Azul e Amarelo) da flâmula da escola (Bandeira). Diante de tantas descobertas, a biografia do Prof. André, escrita em 1945, pelo diretor de escola, Prof. Francisco Alvarez, foi atualizada e incrementada pelo atual diretor Prof. José Antonio Rodrigues.

Em 2010, através de trabalho realizado pelos 3ºs anos, foi conquistada e construída a árvore genealógica da família do Prof. André, oferecendo indícios de que o Patrono tivesse parentesco com o atual governador do Estado, informação confirmada pela Secretaria de Comunicação do Estado, como sendo avô paterno do governador. Nesse mesmo ano, resgatamos o retrato do Prof. André, obra realizada pela arte-educadora Mônica Souza Soares.

Ainda, como parte do pertencer à comunidade escolar e de sua história, são desenvolvidos os Projetos

de Aniversário da Escola, “Alkmin - lendo, escrevendo e calculando”, as bodas de álamo, com eventos múltiplos.

As décadas aconteceram. A escola construiu sua história através de suas personagens orgulhosas de pertencerem a uma instituição de ensino tão grandiosa e promissora. O passado (com avós) e o presente (netos) juntam-se no momento para celebrarem o mesmo fato: o pertencimento à nossa escola e sua história.

Em todos os tempos, seja com Grupo Escolar de Rebouças, seja com EE Prof. André Rodrigues de Alkmin, sempre foi competente, sempre cumpriu o seu papel, para Reboucenses e Sumareenses. Em qualquer época, fora a melhor. Hoje, sem dúvida alguma, continua sendo moderna, acolhedora, atual e de grande qualidade no ato de ENSINAR e APRENDER.

É uma escola inclusiva por excelência. ●



As Escolas de Sumaré e o Processo de Integração



Escola Normal - Desfile

Sumaré é um município desintegrado.

Seu crescimento, ao longo da segunda metade do século XX, deu-se de forma desordenada, sem planejamento. O normal é o núcleo de um povoamento aumentar do centro para sua periferia e não o inverso e foi isso que aconteceu aqui. Por conseguinte, dizemos que no município de Sumaré existem várias cidades, que totalizam mais de 250.000 habitantes. E essa população tem poucos vínculos culturais com a cidade ou mesmo entre as diversas comunidades existentes.

Como disse o geógrafo Milton Santos **“a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”**. Com essa definição concluímos que o sumareense não tem o que a quase totalidade de outras comunidades têm: o espírito de pertencimento.

Os espaços urbanos foram ocupados sem infraestrutura adequada. Os administradores não tiveram a preocupação de seguir as linhas gerais de um Plano Diretor; os primeiros migrantes que vieram para o município à procura de um emprego ou melhores condições de vida, se instalaram em áreas parceladas sem infraestrutura ou na periferia delas, nas chamadas favelas.

A consequência desse processo é que Sumaré tem uma das maiores áreas faveladas de toda Região Metropolitana de Campinas, muitas delas criadas ou incentivadas por políticos locais que deveriam lutar contra essa anomalia.

Nossos governantes não atentaram



Fachada Colégio Comercial - Década de 1970

O Colégio Comercial teve um papel importante no processo de integração de nossa população, além de divulgar o nome da cidade. A unidade era administrada pelo Poder Público que entendia, melhor que ninguém, as reais necessidades do município em matéria de educação.

para esses detalhes e necessidade. Além de integrar a população que ainda aporta no município, é necessário reparar o mal feito no passado, quando o município recebeu um contingente extraordinário de migrantes de todo o país, sem oferecer-lhe as condições mínimas de infraestrutura e uma política de integração social e cultural.

O COLÉGIO COMERCIAL

O Colégio Comercial de Sumaré, criado no Governo do Doutor Leandro Franceschini (1959 a 1962), atendeu ao anseio de um grupo de pessoas que se preocupava em dotar o município de uma escola técnica. Até então só existia um estabelecimento secundário, o Ginásio Estadual de Sumaré, localizado na Praça da República. A criação do Colégio atendeu um grupo de estudantes que tinha que viajar para as vizinhas cidades de Americana e Campinas para estudar à noite ou então complementar o curso ginásial. O ciclo ginásial do Colégio Comercial abriu a oportunidade dos jovens do município estudarem no período noturno, uma vez que o Ginásio Estadual de Sumaré só

funcionava no período diurno. A escola passou a dividir o prédio com o Ginásio Estadual, que era mantido pelo Governo Estadual. O prédio era e ainda é da Prefeitura Municipal.

Honorino Fabri, um médico tradicional de Sumaré, num artigo escrito para o jornal "A Gazeta de Sumaré", no dia 1 de junho de 1955, já sugeria a criação de uma escola nos moldes do SENAI, cujos profissionais se empregariam nas indústrias que começavam a se instalar no município.

Orlando Fabbri e Paulo Ghirardello, dois jovens que estudaram contabilidade em escolas de Americana e Campinas alimentaram por anos o sonho de Sumaré ter

uma escola técnica de contabilidade. Como outros, dependiam de transporte para as duas localidades, que ainda era muito precário. Seguindo orientações do diretor Armindo Chinelatto, de Americana, Paulo e Orlando motivaram os jovens da cidade a participar de aulas do curso de admissão, realizado na antiga Casa Paroquial, na Praça da República, no lado direito de quem sobe, antes de chegar na Rua Dom Barreto.

A sugestão do Doutor Honorino e o sonho dos jovens Orlando e Paulo se concretizaram no projeto de lei dos vereadores João Rubens Gigo e Manoel Affonso de Vasconcellos, na Câmara Municipal de Sumaré, aprovado e levado



Colégio Comercial Formandos



Escola Normal - Formatura

à sanção pelo Prefeito Leandro Franceschini.

O Colégio Comercial do Município de Sumaré trouxe estudantes de todo o município e de cidades vizinhas. Tinha elevado padrão de ensino e esse fato se propagou rapidamente pela região, lotando todas dependências disponíveis no prédio do antigo Ginásio Estadual, ocupando depois outros prédios

– da antiga subprefeitura e salas da Escola Estadual “João Franceschini”.

O Colégio Comercial teve um papel importante no processo de integração de nossa população, além de divulgar o nome da cidade. A unidade era administrada pelo Poder Público que entendia, melhor que ninguém, as reais necessidades do município em matéria de educação.

OUTROS ESTABELECEMENTOS

A Escola Normal de Sumaré foi o segundo estabelecimento criado pela Municipalidade, que passou a atender outro segmento que ainda não existia: o da formação de Professores. Rebatizada com o nome de Escola Municipal José de Anchieta, a unidade também contribuiu para a integração da população, atraindo estudantes de todo o município.

O “Dom Jayme de Barros Câmara” foi a primeira escola estadual a oferecer um curso colegial. Por muito tempo foi a maior escola do Município, com mais de 1.000 alunos, funcionando em três períodos. No seu auge, o Dom Jayme recebia alunos do Distrito de Hortolândia, porque Nova Veneza teve a sorte de receber o “Ângelo Campo Dall’Orto”. Estudantes de Hortolândia vinham para o Dom Jayme em linhas regulares de ôni-



Escola Normal - Solenidade

Escola Normal - Aula Inaugural 1968
Monsenhor Emilio Jose Salim (em pé)



bus; a região do Rosolém foi servida por dois ônibus diários de estudantes, mantidos pela Prefeitura. Além da rotina escolar, o Dom Jayme promovia a principal festa junina do Município. No mês de junho, num sábado previamente anunciado, o acontecimento reunia gente de todo o município,

discriminação.

A Escola Estadual “Angelo Campo Dall’Orto” foi a primeira unidade de ensino a funcionar no Distrito de Nova Veneza, com o antigo segundo grau. Ela permitiu que estudantes de todo o distrito estudassem no estabelecimento, sem necessidade de se deslocar ao

numa festa estudantil e folclórica. Infelizmente o assassinato de um casal de namorados num desses eventos encerrou de uma vez por todas a famosa “Festa Junina do Dom Jayme”.

Nesse período, já existia alguma discriminação contra os filhos de migrantes. Moisés Alon, que lecionava Artes Plásticas na escola, e se dedicava como poucos ao Teatro, reclamava que os alunos recrutados para as peças sofriam esse tipo de

centro da cidade. Foi uma escola que também ajudou a integrar a população dispersa em toda área próxima da Rodovia Anhanguera. Outra escola importante que apareceu em Sumaré, e não existe mais, mas que também contribuiu para o processo de integração foi a SUMTEC. Era uma escola de nível médio com cursos técnicos, que funcionava num prédio de dois andares na Avenida 7 de Setembro, na Vila Menuzzo. Hedy Madalena Bocchi Mazer, a proprietária do estabelecimento, era uma educadora e empresária arrojada, que conseguiu lotar todas suas dependências. Problemas burocráticos e finalmente sua morte, por assassinato, encerraram de vez essa iniciativa.

Hoje temos um cenário em que as escolas continuam a fazer esse papel integrador, como as Faculdades e o SENAI. Nos dois casos, tanto municípios quanto as pessoas da região se interagem num processo contínuo.

Já as escolas públicas, tanto da rede estadual como municipal, pecam por não ter uma política voltada para esse problema. Os administradores municipais, estaduais e escolares perseguem programas físicos-financeiros; os objetivos culturais ou sociais, na maioria das vezes não existem ou são colocados em segundo plano.

Infelizmente o Poder Público continua passando ao largo do problema, por falta de incentivo a projetos educacionais e culturais, direcionados para se atingir a necessária integração.

Hoje temos um cenário em que as escolas continuam a fazer esse papel integrador, como as Faculdades e o SENAI. Nos dois casos, tanto municípios quanto as pessoas da região se interagem num processo contínuo.

PLANO DIRETOR

A falta de Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado ou a inobservância dele enquanto implantado, contribuiu para que a citada desintegração se agravasse ao longo do tempo. A primeira tentativa de se implantar um Plano aconteceu na década de 1950, através dos mesmos vereadores citados neste texto: João Rubens Gigo e Manuel Affonso de Vasconcellos. A empresa SOMA – Cia. Sorocabana de Material Ferroviário, recém-instalada no Município, patrocinou a elaboração do projeto, que acabou esquecido nas gavetas da Prefeitura.

Um segundo Plano aconteceu no primeiro governo de João Smânio Franceschini, mais por imposição federal do que por iniciativa

da governança do município. Foi implantado, mas não foi aplicado como deveria.

Desse período até a virada do século o que se viu foi a aprovação indiscriminada de loteamentos, descontínuos e sem infraestrutura; a proliferação de favelas; o início e a sucessão de manifestações populares de insatisfação, que culminariam com a emancipação do distrito de Hortolândia.

Um terceiro Plano Diretor foi discutido em audiências públicas e aprovado no Governo de José Antonio Bachim, mas o mal já estava feito.

O município já era o que é hoje: desintegrado.

SOMA

A invasão do imóvel da SOMA mostra que a classe política de Sumaré caminha na contramão do problema. Sem querer discutir o mérito da invasão do imóvel, a população daquela área foi incentivada por políticos locais a realizar essa ocupação, a exemplo de mais

de uma dezena de áreas públicas e de riscos, gerando as favelas.

O caminho correto desse impasse poderia ter sido resolvido há anos pelos governantes do município e da morosa Justiça da Comarca. Se tivesse acontecido um diálogo entre essas partes, poderia ter acontecido uma solução sobre a falência da empresa, que deixou uma área de mais de 1 milhão de metros quadrados ao total abandono. Essa é uma área nobre, cobijada sobretudo por empresas interessadas em investir no Município, utilizando a malha ferroviária. Infelizmente falhou a justiça, falharam os governantes municipais.

Não falharam os políticos oportunistas, ávidos por ampliar seu colégio eleitoral, usando uma população carente naquilo que existe de mais sagrado para ela: o direito à moradia.

Hoje a “Vila SOMA” tem uma população de mais de 3.000 pessoas, mais segregada e desintegrada que os milhares de migrantes que aqui aportaram. ●



Professores do Colégio Comercial



Julio Jose Campigli

Escola Ângelo Campo Dall'Orto 50 Anos em Prol da Educação, Formando Novas Gerações

A EE **Ângelo Campo Dall'Orto** localizada à Av. São Paulo, nº 466, Distrito de Nova Veneza, município de Sumaré, completou, em 2013, 50 anos de criação, e portanto, comemorou **BODAS de OURO**. A Escola possui uma área total de 4.250 m², sendo 1.827m² de área construída e 2.423 m² de área livre, ministrando o ensino fundamental II (6º ao 9º ano – diurno e noturno), ensino médio (diurno e noturno) e EJA em nível de ensino fundamental II e ensino médio (noturno).

O nome **Ângelo Campo Dall'orto** foi proposto pelo então deputado estadual José Felício Castellano, concretizado através do Decreto nº 52.063 publicado no DOE de 21 de junho de 1969. A Escola Ângelo foi criada como Grupo Escolar de Nova Veneza através da Lei nº 7.866 de 10 de abril de 1963, publicada no DOE em 03/04/1963 e foi instalada através do Ato de 18 publicado em 19/04/1963.

A Escola Ângelo foi inaugurada em 22 de novembro de 1969 com a presença da banda do 8º BP da Força Pública do Estado de São Paulo (atual Polícia Militar), do Prefeito de Sumaré: João Smânio Franceschini, do Deputado Estadual Dr. Marcondes Filho, representando o Governador do Estado - Sr. Laudo Natel, da Prof.^a Ceres Fonseca - primeira Diretora da Escola, da Prof.^a Maíba Aparecida Maluf, representando o Conselho Municipal de Educação, do Sr.



Escola Angelo Campo Dall'Orto - Placa Inauguração

Adauto João Campo Dall'Orto, representando a família do homenageado, com grande presença de autoridades, e da comunidade em geral. Após os hasteamentos dos pavilhões nacional, paulista, de Sumaré e após as oratórias das autoridades, o Frei Francisco Antonio de Toledo deu as bênçãos à escola e a comunidade foi convidada a visitar suas dependências.



NOMENCLATURAS DA ESCOLA

A Escola funcionava durante o período da manhã como Grupo Escolar de Nova Veneza com ensino de 1ª a 4ª séries, e que a partir de 1969 passou a ser denominada Grupo Escolar Ângelo Campo Dall'Orto. Mas no período da tarde funcionava o Ginásio Estadual de Nova Veneza com ensino de 5ª a 8ª séries, que depois foi chamado de Ginásio Estadual Wadih Jorge Maluf. Mas, com a grande procura, o Ginásio começou a funcionar também no período noturno. Mas, em 17 de setembro de 1976, a denominação de Wadih Jorge Maluf foi transferida para a nova escola inaugurada no Bairro do Matão, em Sumaré, devido às consequências da Lei 5692/71.

Em 1971, através da Lei Federal 5692/71 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 4.024/61), estabeleceu as Escolas de 1º grau (EEPG), cujo ensino seria obrigatório para todas as crianças e jovens dos 07 aos 14 anos. Assim sendo, os Grupos

Escolares, bem como os Ginásios foram transformados em **Escolas de 1º Grau (EEPG)**, com ensino de 1ª a 8ª séries, portanto houve a fusão das Escolas: Ângelo Campo Dall'Orto e Wadih Jorge Maluf, permanecendo o nome mais antigo e mais significativo para aquela comunidade que foi o de Ângelo Campo Dall'Orto. O nome Wadih Jorge Maluf foi transferido para uma escola no Bairro do Matão, que acabara de ser construída. Esta lei (5692/71) foi instituída no Estado de São Paulo em 1975, pelo então Secretário da Educação Paulista, o Sr. José Bonifácio Coutinho Nogueira, que estabeleceu que cada município deveria criar uma Rede Física para realizar as devidas alterações.

Esta Rede Física na cidade de Sumaré foi presidida pelo Prof. João Paulo de Toledo, que juntamente com os Diretores das escolas estaduais fizeram as alterações pedidas pela nova Lei. Portanto, a partir de 1976 a Escola Ângelo Campo Dall'Orto transformou-se em EEPG. **Ângelo Campo Dall'Orto**, com ensino de 1ª a 8ª

séries do 1º grau, através da Resolução SEE nº 23, de 27/01/1976, conservando o nome Ângelo Campo Dall'Orto em homenagem ao líder, ao homem que criou a primeira escola em Nova Veneza (Escola Mista do Bairro de Nova Veneza), como também doou terreno para a construção da nova escola e realizou inúmeras benfeitorias em benefício da população de Nova Veneza.

Em 1982 quando era Diretor efetivo da Escola Ângelo o Prof. Júlio Jose Campigli, conseguiu autorização junto à Delegacia de Ensino de Americana (pois Sumaré pertencia àquela D.E.) para instalar o 2º grau na Escola, no período noturno, concretizado através da Resolução SEE nº 133, em 07/07/1982, publicado no DOE em 09/07/1982, iniciando com duas classes de 1º ano no período noturno, passando a ser chamada de **EEPSG. Ângelo Campo Dall'Orto**.

Em 1999 através do Decreto nº 44.449 de 24/11/1999 o nome da Escola Ângelo foi adequado para **EE. Ângelo Campo Dall'Orto**.

Este acontecimento trouxe um lado positivo para Sumaré, pois como era a única escola no Distrito de Nova Veneza, a escola passou a integrar a nova geração que estava sendo formada, passando assim a ter identidade de pertencimento ao município de Sumaré.

FUNÇÃO DE PERTENCIMENTO

Com o grande crescimento da cidade e conseqüentemente aumento populacional, como também com a criação do Bairro INOCOOP, do Parque Nova Veneza, próximos à escola, os alunos destes novos bairros, como os demais alunos do Distrito de Nova Veneza passaram a ser atendidos pela Escola Ângelo, que possuía 10 salas de aula, mas que foram insuficientes para atender todo ao alunado. Portanto, a escola teve adaptada sala da biblioteca, a sala do laboratório, e outras salas para dar atendimento à enorme procura, perdendo o seu modelo pedagógico. Este acontecimento trouxe um lado positivo para Sumaré, pois como era a única escola no Distrito de Nova Veneza, a escola passou a integrar a nova geração que estava sendo formada, passando assim a ter identidade de pertencimento ao município de Sumaré.

Em janeiro de 1982 com a chegada do Diretor –Prof. Julio Jose Campigli, com a autorização da então Delegacia de Ensino de Americana, foi estabelecido que os alunos

do bairro Parque de Nova Veneza e INOCOOP seriam atendidos pela nova escola criada, que foi a EEPG do Bairro Nova Veneza (atual EE Profª. Maria Rosa Carolino dos Santos) que temporariamente foi instalada na sede da Sub-Prefeitura de Nova Veneza, gentilmente cedida até a construção do prédio da nova escola. Deste modo a Escola Ângelo pode voltar ao seu modelo pedagógico, liberando as salas da biblioteca, do laboratório e demais salas para as suas devidas funções.

Com o grande número de alunos formados na 8ª série e precisando dar continuidade de estudos, o Prof. Julio Jose Campigli, solicitou e teve autorização da então Delegacia de Ensino de Americana para instalar o ensino de 2º grau no período noturno, inicialmente com duas classes de 1º ano, portanto, deste modo, a Escola Ângelo se transformou em **EEPSG Ângelo Campo Dall’Orto**, com o ensino de 1º e 2º graus.

Mais recentemente com a edição da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96) a Escola Ângelo mudou sua denominação para **Escola Estadual Ângelo Campo Dall’Orto**, através do Decreto nº 44.449 de 24/11/1999.

DIRETORES DA ESCOLA

Inicialmente, como funcionavam duas escolas no mesmo prédio, houve duas direções, uma do Grupo Escolar e outra do Ginásio Estadual.

Do **Grupo Escolar** foi a primeira diretora, a Prof.ª Ceres Fonseca, seguida depois pela Prof.ª Nilce Canada Salione. Já na parte do

Ginásio foi a primeira Diretora, a Prof.ª Flora Ferreira Gomes, seguida pelo Prof. Alaerte Menuzzo, Prof. Francisco Antonio de Toledo e pela Prof.ª Maria José Caron, até a fusão das escolas.

Com a fusão chegou o primeiro Diretor de Escola efetivo, que foi o Prof. Zacarias Pereira Borges, seguido pelo Prof. Julio Jose Campigli, pela Prof.ª Ilda Maria Pedroso Mendes, pelo Prof. Luis Henrique Marchi, pela Prof.ª Marli Lemes, sendo atualmente administrada pela Prof.ª Rosália Migliard Magalhães.

AÇÕES DA APM DA ESCOLA

Com as alterações, a Escola necessitava de mudanças em sua rede física para suportar o alunado bastante crescente. Assim, a Escola realizou festas juninas, não só para fazer a interação escola-família-comunidade, mas para dar condições físicas aos alunos, notadamente do período noturno, quanto à iluminação das salas de aula. Assim é que foram feitas muitas melhorias tais como:

1- A APM da Escola Ângelo instalou novas lâmpadas em salas de aula melhorando a iluminação das classes, que era feita através de lâmpadas incandescentes de pequeno poder de iluminação, para lâmpadas fluorescentes.

2- A Escola era cercada por alambrados e durante o recreio ou intervalo era grande o número de pessoas que vendiam produtos através do alambrado, produtos muitas vezes de origem desconhecida e outros produtos, muitas vezes ilegais. Como também durante as aulas de Educação Física, notadamente feminina, a “plateia”



Inauguração Escola Angelo Campo Dall'Orto

ao longo do alambrado era grande. Deste modo, a APM comprou blocos de alvenaria, areia e cimento e a Sub-Prefeitura cedeu um pedreiro e um ajudante para a construção de um muro cercando toda a escola, permitindo assim mais segurança e atendimento aos alunos. O trabalho de construção do muro foi muito bem acompanhado pelo zelador da Escola, Nadir Squarizzi.

3- A APM fez pequena reforma criando uma cantina escolar para atendimento aos alunos, mas, sem realizar concorrência com refeição servida pela Merenda Escolar. Os resultados financeiros foram aplicados em melhorias na escola.

4- Construção de uma nova sala para abrigar o arquivo morto no terreno ao lado das salas de aula, próximo à casa da zeladoria (mais tarde foram transformadas em salas de aula).

5- Ampliação da casa da Zeladoria da Escola, para melhor atender a família do zelador.

6- Aquisição de um novo

piso para o hall da escola, que como era de tijolo e com o constante lavar, os tijolos foram gastando e a APM comprou novo piso que com a ajuda de funcionários da Sub-Prefeitura foram instalados.

7- Utilização da sala do laboratório com a compra

de materiais, de vidraria para uso dos alunos do 2º grau.

8- Palestras realizadas no pátio da escola por médicos convidados pela Direção da Escola no período noturno sobre problemas relacionados a drogas, fumo e problemas da saúde da mulher, sempre com excelente participação dos pais.

9- Destaque para a participação dos funcionários estaduais e municipais que sempre se esmeraram na limpeza, na manutenção, no trabalho escolar para melhor atendimento aos alunos, pais e



comunidade, sempre ajudando a escola para que fossem atingidos seus objetivos.

10- Aquisição de uma fanfarrinha da Secretaria Estadual de Esportes e Turismo, onde o Prof. Julio através de ofício, conseguiu a doação para a Escola, de uma fanfarrinha completa, que chegou próximo ao Natal de 1986 sendo guardada em uma das salas da Escola. Fanfarrinha esta que, anos depois com a Direção da Profa. Marli Lemes abrilhantou muitos desfiles notadamente de 7 de setembro, muito bem organizada e com um bonito fardamento.

11- Mudança no paisagismo ao lado da escola, pois possuía árvores altas do tipo “pinus” de tronco, folhas e galhos de pouca resistência e muitas vezes, quando chovia forte, muitos galhos se quebravam e caíam sobre o telhado da escola, como também as folhas entupiam as calhas provocando várias goteiras e vazamentos. Com a autorização da prefeitura estas árvores foram cortadas e substituídas por árvores de menor porte próprias para escolas.

Atualmente, a Escola está equipada com sala de informática, sala de Vídeo e de Leitura, contando com uma quadra poliesportiva de 600 m², que recentemente foi coberta, sendo ponto fundamental para o desenvolvimento das aulas de Educação Física, desenvolvendo o Projeto Oficina Livre de Dança e Ginástica Geral, com belas demonstrações de ginásticas e com grande apoio da comunidade. Aos sábados, os professores de Educação Física (José Aluísio de Lima Pilla, Robson Bianco Ruiz e Claudinei Nogaroto Nunes) lecionam aulas de dança zumba, treinam equipes de vôlei, masculina e feminina promovendo a integração entre os alunos.

DESTAQUES

Prof.^a Flora Ferreira Gomes - foi a primeira Diretora da Escola Ângelo, fazendo um excelente trabalho pedagógico. Criou um Jornal da escola, juntamente com o Prof. Francisco Antonio de Toledo, impresso com mimeógrafo a álcool com grande participação dos alunos. Atualmente é Patronímico de uma escola municipal: E.M. Profa. Flora Ferreira Gomes

Prof. Dr. Zacarias Pereira Borges - Inicialmente toda a parte administrativa da escola era formada por funcionários municipais, até a chegada do primeiro Diretor efetivo da rede estadual que foi o Prof. Zacarias Pereira Borges. O Prof. Zacarias, mais tarde foi aprovado em concurso para Supervisor de Ensino, tornando-se depois Delegado de Ensino da então 2^a Delegacia de Ensino de Campinas. Atualmente defendeu tese de mestrado e doutorado na UNICAMP e tornou-se Prof. Doutor junto ao Departamento de Educação da UNICAMP.

Prof. Julio Jose Campigli - foi um dos cinco fundadores da então Delegacia de Ensino de Sumaré. Foi Diretor da Escola Ângelo de 1982 até 1986, quando após a aprovação no concurso de ingresso de Supervisor de Ensino deixou a Direção da Escola. Foi também Delegado de Ensino de Sumaré e foi Secretário de Educação Municipal de Sumaré, nos anos de 1989 e 1990. Foi professor universitário por 30 anos nas faculdades: FAFIA (hoje FAI) de Adamantina, Faculdade NET WORK de Nova Odessa, Faculdade UNOPEC de Sumaré, e Faculdade Adventista de Hortolândia- FAH (pertencente ao Centro Universitário Adventista São Paulo).

Prof.^a Ilda Maria Pedroso Mendes - O Prof. Julio Jose Campigli algumas vezes foi chamado para substituir o Supervisor de Ensino em Americana, sendo substituído pela sua Vice-Diretora, a Prof.^a. Ilda Maria Pedroso Mendes, que também se dedicou com muito esmero na Direção da Escola Ângelo. A Profa. Ilda tempos depois foi aprovada em concurso de Supervi-

sor de Ensino, deixando a escola, indo para Campinas.

Prof. Luis Henrique Marchi - ingressou e tomou posse na escola em substituição ao Prof. Julio Jose Campigli, que com a aprovação no concurso de Supervisor de Ensino deixou a escola, mas infelizmente após poucos meses de trabalho, veio a falecer muito precocemente. Hoje é patrono de escola no Bairro São Judas, em Sumaré.

Prof.^a Marli Lemes - Continuou com o bom trabalho pedagógico na escola. Pôs em funcionamento a fanfarra, criou belo fardamento aos alunos participantes e fez belas apresentações em desfiles cívicos, fazendo com que a fanfarra recebesse vários convites para apresentação. Após aprovação no concurso público de Supervisor de Ensino, ingressou em Americana.

Prof.^a Edeni Regina Ferreira Muller - Merece também destaque a Profa. Edeni Regina Ferreira Muller que foi por muitos anos Coordenadora do Centro Cívico-da Educação Moral e Cívica, realizando um excelente trabalho junto aos alunos, notadamente na parte de civismo, festas de formatura e demais realizações da escola. Fez muito bom trabalho integrando os alunos. Só deixou a função com a alteração na legislação que acabou com a função.

Prof.^a Dra. Valeria Scomparim - Merece destaque a aluna da Escola Ângelo -Valéria Scomparim, que ganhou a Olimpíada de Matemática na fase municipal, regional, como também o concurso municipal: Sumaré- Ontem e Hoje. A Profa. Valéria tempos depois

graduou-se em Matemática pela UNICAMP, onde depois concluiu o mestrado e o doutorado. É professora-doutora de Matemática da UNIMEP.

Nadir Squarizzi - Merece destaque o Sr. Nadir Squarizzi que foi zelador da Escola Ângelo por muitos anos, demonstrando grande amor, dedicação em seus trabalhos em prol da escola, sempre atento aos consertos de parte elétrica, hidráulica, corte da grama, enfim dos reparos que a escola fazia necessitar. Foi inegável a sua dedicação.

Prof. Francisco Antonio de Toledo - Como frade, deu as bênçãos na inauguração da Escola Ângelo, mas depois, ao concluir o curso de História na PUC Campinas, iniciou sua carreira profissional como professor de História na Escola Ângelo, sendo Diretor por curto período. Removeu-se depois para a EE Dom Jayme de Barros Câmara, sendo depois Assistente Técnico Pedagógico de História na Delegacia de Ensino de Sumaré até a sua aposentadoria. Paralelamente atuou como professor das Escolas Municipais: José de Anchieta e Dr. Leandro Franceschini. Atualmente é Diretor da Associação PRÓ-MEMÓRIA de Sumaré e autor de diversos livros sobre o município sumareense.

Prof. Alerte Menuzzo - Após concluir o curso de História na PUC Campinas, iniciou sua vida profissional na Escola Ângelo, exercendo também por curto período a Direção da Escola Ângelo. Removeu-se depois para a Escola Dom Jayme de Barros Câmara, onde continuou sua carreira de



Escola Angelo Campo Dall'Orto

professor de História, exercendo também a função de Vice-Diretor de Escola na EE Dom Jayme. Atualmente é também Diretor da Associação PRÓ-MEMÓRIA de Sumaré, com uma enorme gama de trabalhos publicados sobre a história sumareense.

Sergio de Azevedo (Serginho) - foi ex-aluno da Escola Ângelo. Era extremamente apaixonado por Nova Veneza e pela Escola Ângelo. Escreveu cerca de 30 artigos sobre Nova Veneza e Escola Ângelo, deixou centenas de fotos, e que infelizmente faleceu precocemente, mas a família doou todo o seu acervo para o PRÓ-MEMÓRIA de Sumaré.

Secretários da Escola - Inicialmente foi Secretário, o Sr. Sanguini, mas com a aprovação em concurso público da rede estadual chegou o Secretário **Rubens Brandão de Camargo**, que por muitos anos teve dedicação e trabalho exemplar. Brandão terminou o curso de Pedagogia, passou no concurso para professor PEB-I, e iniciou nova carreira no magistério. Foi substituído por **Wilma Rodrigues**, também com ótimo trabalho e dedicação, mas também concluiu o curso de Pedagogia, sendo aprovada no concurso de ingresso, iniciando também nova carreira, como PEB-I. Foi substituída por **Irinézio Gomes Santos** que permaneceu à frente da Secre-

taria da Escola até a sua aposentadoria. Atualmente, o cargo de secretário foi abolido passando a ter nova denominação: **Gerente de Organização Escolar**, cargo atualmente exercido por **Marcia Cristina de Toledo**.

CORPO ADMINISTRATIVO ATUAL

Diretor da Escola: Prof^a. Rosália Migliard Magalhães

Vice Diretores: Prof^a. Lúcia Eli de Oliveira, Prof. Marco Antonio Ferreira e Prof. Clemilson Ferreira Pinto.

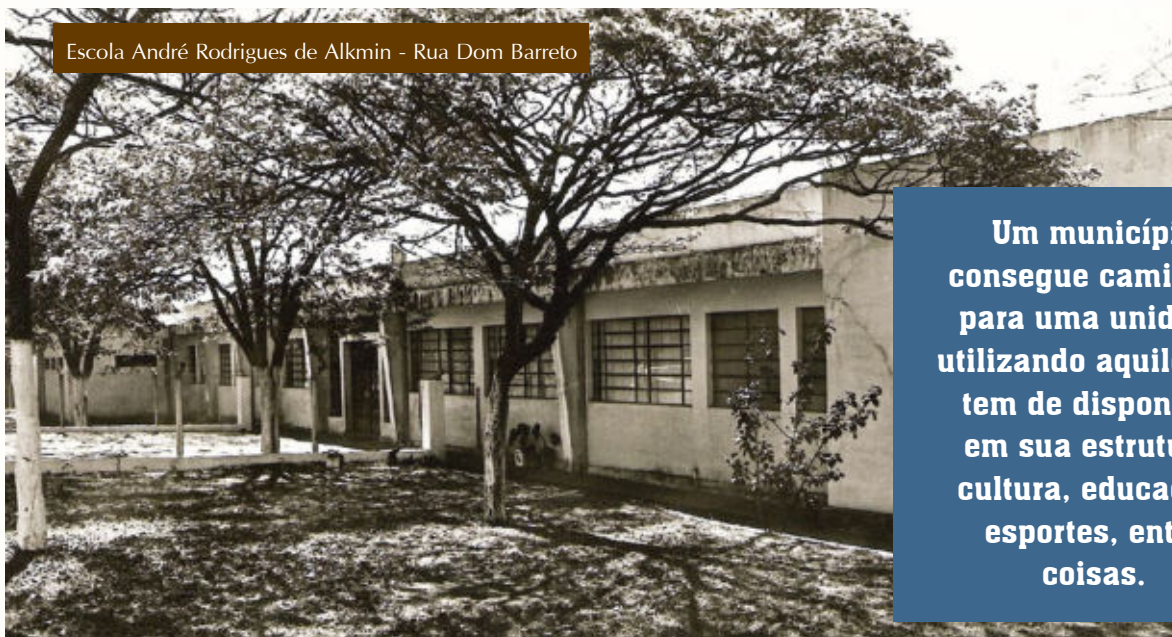
Coordenadores Pedagógicos: Prof^a. Neila de Maurício, Prof^a. Fernanda Maria Codogno e Prof. Clemilson Ferreira Pinto.

Esta equipe escolar tem feito um ótimo trabalho, pois a procura pela escola é bastante significativa pelos pais e pela comunidade, o que demonstra que o trabalho está sendo bem feito com bastante dedicação. A Escola possui vários Projetos, dentre os quais a **ESCOLA VIVA** onde são feitas várias oficinas abrangendo música, teatro, palestras por professores e alunos de faculdades como a UNIESP, e orientações sobre profissões aos alunos.●



Ulisses Pedroni

O Alkmin no Processo de Integração



Um município consegue caminhar para uma unidade utilizando aquilo que tem de disponível em sua estrutura: cultura, educação, esportes, entre coisas.

A lavoura do café foi o motivo determinante da instalação da estação ferroviária no pequeno povoado que aqui existia e que passou a se chamar Rebouças, em 1875. Toda produção agrícola da região e especialmente do município de Monte Mor era carregada para essa Estação.

A área rural de Rebouças recebeu forte contingente imigratório, com especial destaque para os italianos. O pequeno vilarejo foi crescendo e com isso alguns melhoramentos foram surgindo - uma igreja, um grupo escolar, dois clubes, entre outras coisas.

Ao lado do contingente italiano também ganhou destaque outra colônia - a dos imigrantes portugueses. Em 1907 surgiu uma entidade popularmente chamada de Sociedade Italiana de Rebouças, destinada a auxiliar os conterrâneos recém-chegados, além de proporcionar lazer aos seus integrantes. O segmento dos portugueses se corporificou numa segunda agremiação, chamada Clube Recreativo e Esportivo Alliança. As duas colônias mostravam rivalidades, influenciadas por seus laços culturais.

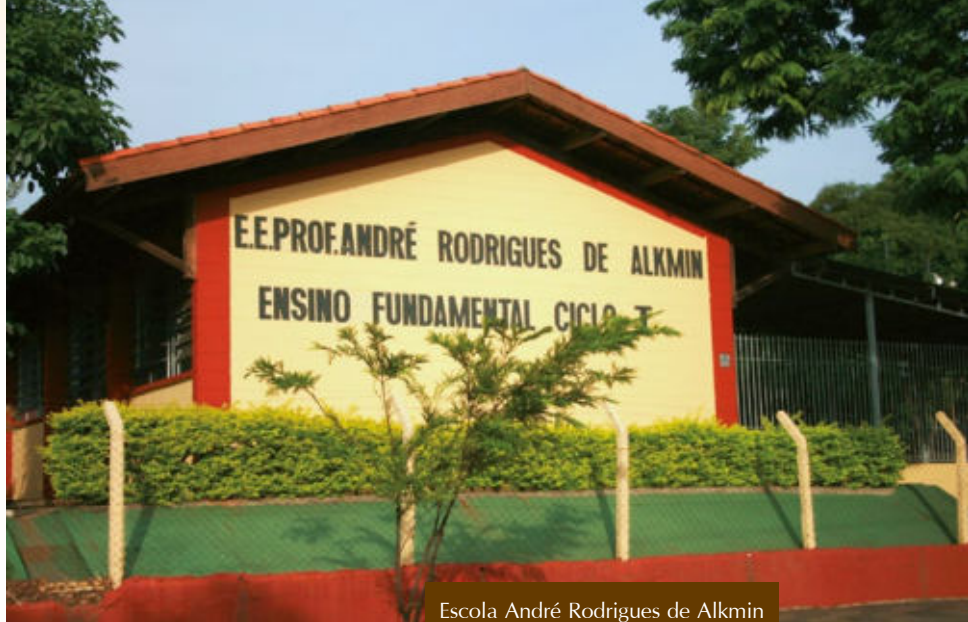
A crise econômica mundial de 1929 provocou mudanças no País e evidentemente no povoado que dependia da produção cafeeira. A década de 1930 deu início a um novo ciclo de produção no campo: do algodão. Este produto e outros de menor expressão fizeram da área rural o segmento mais importante de geração de renda

e emprego, até a década de 1950, quando as primeiras indústrias começaram a se instalar no eixo da Rodovia Anhanguera. De 1960 para cá a indústria passou a ser o principal segmento econômico do Município, que atraiu migrantes de todos os Estados ao país. Em 1950 a população do distrito de Sumaré era de 5.850 habitantes. Em 1960 o já Município saltou para 10.663; em 1970 o censo registrou 23.054 pessoas. Em 1980 chegou a 101.872 – um dos maiores crescimentos do País. Toda essa massa passou a viver nas dezenas de loteamentos sem infraestrutura ou nas favelas.

MEIOS DE INTEGRAÇÃO

Nos tempos de Rebouças existia uma rivalidade entre portugueses e italianos; ela começou a se atenuar no Grupo Escolar e nos clubes. Segundo o advogado Manuel Affonso de Vasconcellos, descendente de portugueses, que estudou no Grupo Escolar de Rebouças, a animosidade que existia entre as duas colônias começou a se dissipar nos bancos escolares. Na escola se sentavam, lado a lado, crianças da cidade e do campo, filhos de italianos e portugueses. Foi o começo de uma miscigenação, que se completaria com namoros e casamentos.

Um município consegue caminhar para uma unidade utilizando aquilo que tem de disponível em sua estrutura: cultura, educação, esportes, entre outras coisas. Já se usou isso no passado, usa-se ainda, mas não na dose adequada, no presente. A educação é o caminho mais curto para se conseguir isso. Foi assim no antigo Grupo Esco-



Escola André Rodrigues de Alkmin

lar de Rebouças, hoje Escola Estadual “Professor André Rodrigues de Alkmin”, bem como em outras escolas do município.

Se hoje Sumaré ainda apresenta sérios problemas políticos, econômicos e sociais, dentre todos eles, destacam-se alguns na área da educação fundamental e do ensino médio, principalmente pelo crescimento migratório acelerado de sua população e por uma rápida expansão da sua área urbana de forma apressada e desordenada, sem tempo necessário para uma adequação dos equipamentos urbanos a satisfazer as necessidades da população. (Leovigildo Duarte Jr.)

Além de proporcionar uma educação de qualidade às crianças da cidade e da zona rural, o antigo Grupo Escolar mantinha um vínculo muito grande com a comunidade, através de seus diretores e professores.

Foi nessa escola que se criou um Grupo de Escoteiros, integrado por filhos de imigrantes de várias nacionalidades. O mesmo acon-

teceu com o Teatro, a Música e o Cinema. Peças teatrais eram montadas, ensaiadas e apresentadas à população do vilarejo por diretores do Grupo Escolar. Os figurantes eram pessoas da vila, que interagiam em torno de uma arte que só vieram a conhecer por causa dessas pessoas ligadas à Escola.

Com a música aconteceu a mesma coisa: a Banda de Rebouças ou os pequenos grupos musicais que participavam das sessões do cinema mudo, eram formadas por artistas que frequentavam o Grupo Escolar, incentivados pelos diretores e professores. Dessa forma, a primeira escola incentivou e desenvolveu a arte no pequeno distrito campineiro, integrando uma população que mal chegava a 5.000 habitantes, formada principalmente de imigrantes e descendentes, que moravam na pequena vila e, em sua grande maioria no campo.

A educação foi o caminho mais curto para resolver o problema de integração da população de Rebouças. Nessa época ela não era um fardo para a Administração Pública, como parece ser nos dias de hoje. Talvez seja esse o problema fundamental da falta de integração de Sumaré nos dias atuais. ●



Sumaré: Educação, Integração e Pertencimento¹

Conscientes da necessidade e importância de se trabalhar com questões ligadas à integração e pertencimento, há anos a Secretaria Municipal de Educação de Sumaré preocupa-se em diariamente em suas escolas, demonstrar às crianças o quão é importante conhecer nosso município e mais do que isso, cuidar para que ele esteja sempre evoluindo e melhorando. Apesar de sempre ser abordado em sala de aula, podemos citar o ano de 2007 como um marco no trabalho realizado nas escolas, ano este em que se iniciou o Projeto Atlas. Um projeto ousado e grandioso, idealizado pela Profa. Dra. Rosângela Doin por meio do qual

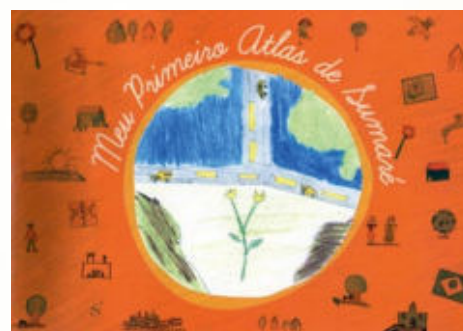
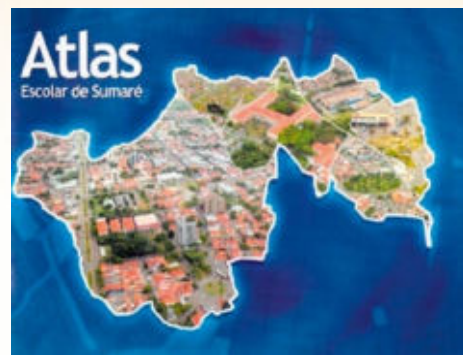
se pretendia criar um atlas com toda história de Sumaré, desde sua fundação até os dias contemporâneos, colocando essa história em local em uma linha do tempo na qual poderia se visualizar também a história do Brasil. Como dito, foi um projeto grandioso, envolvendo professores, pesquisadores e alunos das escolas municipais na contação da história do município. A partir da reunião dessas pessoas, deu-se início a construção do material, focando todo o processo na pesquisa educacional. Foram dezenas de educadores incluídos nas discussões, que, recontadas pelo Professor Francisco de Toledo, foram dando forma à histó-

A cada história contada, um trabalho específico era feito com os professores pesquisadores, para que essa contação chegasse aos alunos e eles também fossem protagonistas dessa construção.

¹ Escrito e organizado pelos professores: Ana Benvinda Camargo da Silva Cosmo, Carmelice Aires, Cristiane Regina Pavioti, Diego Vilanova Rodrigues, Eduardo Morais Junior e Georgea Fernanda Nardy – professores de Ensino Fundamental I e II da Rede Municipal de Sumaré, integrantes, no ano de 2016, do Centro de Formação dos Educadores Municipais de Sumaré, e professora Regina Keyla da Silva, professora de Ensino Fundamental I da EM Ramona Canhete Pinto. Toda a dissertação foi baseada em fatos e experiências ocorridos nos últimos dez anos na Rede Municipal de Ensino de Sumaré.

ria do município. A cada história contada, um trabalho específico era feito com os professores pesquisadores, para que essa contação chegasse aos alunos e eles também fossem protagonistas dessa construção. Além de participar da contação, alunos da rede municipal também puderam participar desenhando lugares e personagens, construindo legendas e escalas e principalmente, conhecendo a história da escola em que estudavam. Desse processo de construção e organização resultou a publicação de três livros: o manual do professor, o atlas para as séries iniciais do Ensino Fundamental e ainda, o exemplar para as séries finais do Ensino Fundamental. Uma vez distribuídos nas escolas, o trabalho com o Atlas passou a ser realizado sistematicamente e professores e alunos puderam desfrutar deste material e como resultado, muitos puderam comprovar o aumento na relação de pertencimento ao município. As crianças, ao depararem-se com locais conhecidos, com ruas que elas passam no dia-a-dia, com a história do nome das escolas em que estudavam, além de se interessar muito mais pelas aulas, interessavam-se também pela história da cidade em que moram. Hoje, aproximadamente dez anos após o início do projeto, as escolas

municipais continuam usando esse material diariamente nas salas de aula, mostrando que o investimento feito no projeto valeu a pena e continua dando frutos. Todas as unidades escolares contemplam em seu planejamento a utilização do Atlas Municipal Escolar, compondo a programação curricular. Além do Projeto Atlas que, por sua dimensão e importância envolveu muitos educadores e pesquisadores da comunidade local, a Secretaria de Educação vem constantemente ao longo desses dez anos, desenvolvendo ações pontuais que busquem despertar não apenas em nossos alunos, mas também em nossos educadores, o pertencimento ao nosso município, bem como a consciência da importância de promover a integração entre comunidade e escola, o que, inegavelmente, coopera para que todos se sintam parte da história de Sumaré. Podemos citar, dentre outros, o projeto de fotografia desenvolvido com professores do município, um trabalho de integração entre professores de diversas áreas relacionando música e inclusão, um evento ocorrido na EM Ramona Canhete Pinto, ocorrido em 2013, que integrou escola e família e, aquele que consideramos um grande ganho aos nossos estudantes: a legalização dos jogos escolares municipais, que depois de



tantos anos sem ocorrer, voltaram ao calendário. Falaremos sobre esses eventos a seguir.

O Projeto Fotografia, desenvolvido durante o ano de 2014, pelas professoras formadoras do CEFEMS, Andecléa de Fátima Gualtieri Menuzzo e Jane do Carmo Rossi contemplou num primeiro momento um tour realizado pelas professoras formadoras e professores II por pontos de importância histórica do município, nos quais um pouco da história de



cada lugar foi retomada e capturada pelas lentes das câmeras desses professores. As fotos produzidas passaram por um processo de seleção sendo 12 fotografias escolhidas como as que melhor retrataram um pouco da Cidade de Sumaré. As mesmas fotografias compuseram um Calendário de Mesa, prêmio que os selecionados receberam pela participação no projeto. A cerimônia de premiação ocorreu no evento de encerramento do ano letivo de 2014, promovido pela Secretaria de Educação para os especialistas das Escolas da Rede Municipal.

No âmbito da formação continuada, foi desenvolvido no ano de 2013 na Escola Municipal Ramona Canhete Pinto, sob coordenação das Professoras Regina Keyla da Silva e Rosemar Elaine

Garcia Lima, o Projeto Didático “Brinquedos e Brincadeiras”, título que pressupõe a diversão que seria “trabalhar” com as palavras que as crianças mais gostam de ouvir. Nas palavras das professoras, o primeiro desafio foi como trazer este momento tão prazeroso da brincadeira, para a sala de aula, definida muitas vezes como lugar de “aprender” e não lugar de brincadeiras. Baseadas em material de formação continuada do PNAIC – Pacto Nacional para a Alfabetização na Idade Certa que trouxe em uma de suas unidades o tema “Vamos Brincar de reinventar histórias”, foi possível discutir sobre diversos autores que trazem à tona a discussão sobre a importância do uso de jogos e brincadeiras no processo de apropriação do Sistema de Escrita Alfabética – SEA,

que as motivou para o desenvolvimento do projeto. O trabalho contou com várias etapas distintas e utilização de várias estratégias (músicas, pesquisa com participação da família, relatos, cartazes, vivências nas brincadeiras, confecção de brinquedos, artes, etc.). O projeto foi iniciado com a música de José do Patrocínio (Brinquedos e brincadeiras) e logo em seguida, foi conversado com os alunos sobre quais brincadeiras eles co-



Fundamentadas em Vygotsky, ao admitir que *“brinquedos e brincadeiras são indispensáveis para a criação de situações imaginárias, e revelar que o imaginário só se desenvolve quando se dispõe de experiências que se reorganizam”*, as professoras Regina Keyla e Rosemar vivenciaram na prática essa experiência ao perceberem que a criança realmente reproduz o discurso externo e o interioriza, construindo seu próprio pensamento. Notaram também que, ao brincar, a criança movimenta-se em busca de uma parceria e na exploração de objetos, comunica-se com seus pares, se expressa através de várias linguagens, descobre regras e toma decisões, culminando assim em desenvolvimento em outras áreas que são de extrema importância ao aprendizado dos



conhecimentos escolares. Faziam questão de, em sala de aula ou no pátio, confeccionar os brinquedos, utilizá-los e depois retornar para a sala de aula onde sistematizavam as aprendizagens.

Como a principal intenção era levar a família à escola para apresentá-los às etapas da sequência e, convidá-los a **brincar** com seus filhos, toda a comunidade foi convidada para passar um sábado brincando na escola e o comparecimento dos pais ocorreu em massa. Muitos pais estiveram presentes e junto com seus filhos, participaram de uma gincana bastante divertida e construtiva. Regina Keyla e Rosemar ressaltam que foram apoiadas por todo o pessoal da escola (equipe gestora, administrativa e de apoio), pessoas fundamentais para alcance dos objetivos pedagógicos traçados.

Já no ano de 2015, no âmbito da política de formação continuada da Secretaria Municipal de Educação de Sumaré, foi oferecido pelo CEFEMS (Centro de Formação dos Educadores Municipais de Sumaré) aos professores polivalentes, o curso de Musicalização e Movimento, ministrado pela professora Ana Benvinda C. da S. Cosmo. O curso foi estruturado com o objetivo de sensibilizar os professores sobre a importância

da música no processo de desenvolvimento humano, no contexto escolar e interdisciplinar, além de contribuir para a instrumentalização dos docentes, em resposta à lei



Como a principal intenção era levar a família à escola para apresentá-los às etapas da sequência e, convidá-los a brincar com seus filhos, toda a comunidade foi convidada para passar um sábado brincando na escola e o comparecimento dos pais ocorreu em massa.

nº 11.769 que determina a obrigatoriedade do ensino musical nas escolas.

Durante as formações, um dos temas abordados foi a Música Tradicional Brasileira com ênfase nas canções folclóricas onde foi ressaltada a importância de a preser-

varmos, em respeito ao sentido de pertencimento e a identidade cultural das nossas crianças. Em decorrência desse trabalho, de acordo com a Professora Ana Benvinda, as professoras sinalizaram interesse em elaborar um material de apoio com as canções folclóricas, que fosse construído pelo grupo e posteriormente utilizado com os alunos nas escolas. Por sentir que o grupo estava motivado, a professora formadora acolheu a ideia e iniciou o processo e construção do caderno que seria composto de canções folclóricas de domínio público e que fizeram parte da vida, das memórias dos professores envolvidos na formação.

Como todo projeto grandioso, este também precisava de parcerias e a Profa. Ana encontrou essas parce-



rias em seu próprio grupo de formação, na formadora de Educação Especial Silvana Rodrigues Monteiro e de sua cursista professora Izabel Macedo Ferreira, na diretora do CEFEMS – Prof. Geórgia Fernanda Nardy e nas coordenadoras de equipe de formadoras Cristiane Regina Pavioti e Tânia Regina Zieglitz Santos, às quais a formadora faz questão de deixar seus agradecimentos.



O projeto foi iniciado com a escrita e ilustração, pelas professoras cursistas, de cantigas conhecidas, considerando tais aspectos: canções de domínio público diferentes das que ouvimos cotidianamente, que fizessem parte de algum momento de suas memórias e que poderiam ser utilizadas em sua prática pedagógica com os alunos, atividade que foi realizada ao som de “O trenzinho”, de Villa Lobos.

Em seguida, norteados pela pergunta “Como se brinca?”, o grupo vivenciou algumas brincadeiras, eleitas pelo grupo nos momento do acolhimento.



Complementando o conjunto de ações para esse projeto e visando trazer exemplos de boas práticas realizadas através da música, foram convidados alguns professores para contribuírem com seus relatos de experiência, como a professora Cristiane Pavioti, que desenvolveu o projeto “canções folclóricas” junto a seus alunos de uma sala de 5.º ano de PIC.

Ademais, o grupo também recebeu a visita do Prof. Mário, o qual desenvolveu um trabalho com a música a partir de uma proposta interdisciplinar no Chile. Na oportunidade do encontro, o professor tocou algumas canções folclóricas do seu país de origem, promovendo momentos de interculturalidade.

Outro momento de integração ocorreu com a visita da professora Izabel, cursista da professora formadora Silvana Monteiro, que ensinou às cursistas algumas canções folclóricas em libras.

A professora Ana Benvinda relata esses momentos como importantes e agradáveis no processo de formação continuada, por mostrar

a importância e as possibilidades do processo de ensino e aprendizagem numa proposta interdisciplinar.

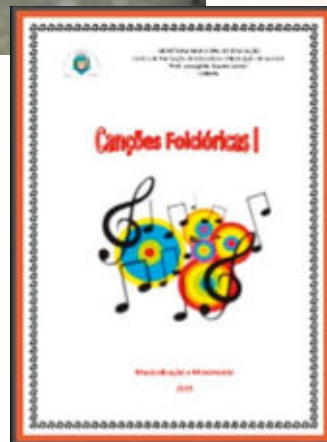
Para finalização do projeto, o grupo produziu o caderno “Canções

Folclóricas I” – na versão digital, com o qual cada professor poderá utilizar esse material para trabalhar com seus discentes.

Para Ana Benvinda, foi um

trabalho que valeu muito a pena. *“Faria tudo de novo e com alegria. Nada se compara ao prazer de observar os educadores envolvidos em um processo de construção, no qual eles são os protagonistas. Percebi o quanto se envolveram, evoluíram em relação ao conhecimento sobre música e despertaram seus interesses em aprofundarem seus conhecimentos sobre o tema, o que com certeza proporcionou a ressignificação de práticas.”*

Ainda no ano de dois mil e quinze tivemos um marco para a educação no município, que foi a legalização dos JEM – Jogos Estudantis Municipais, competições envolvendo as escolas de ciclo I e II da rede municipal, nas modalidades: queimada, dama, xadrez, vôlei e futebol de salão nas categorias pré-mirim e mirim, além de atletismo, sendo nesta última categoria também realizada a competição para alunos com necessidades especiais. Uma das grandes características dos JEM é a integração



entre as regiões do município, pois as escolas competem entre si e os atletas/alunos são deslocados para unidades escolares localizadas em regional diferente da qual moram, o que reforça a ideia de integração e conhecimento do município como um todo. Esses jogos já aconteceram em outras épocas, geralmente realizados na semana da Pátria, no entanto, acabaram se perdendo com o tempo. Por uma iniciativa do Professor Formador do CEFEMS, Nelson Paulo Borges, juntamente com os professores II de Educação Física da Rede Municipal, a ideia foi retomada e legalizada através do Projeto de Lei nº 102, de 01/09/2015. Os jogos foram um sucesso em 2015 e envolveram quase que a totalidade dos alunos das escolas municipais. Neste ano de 2016, ocorreram no 1.º semestre os campeonatos de queimada e dama. As demais modalidades ocorrerão no 2.º semestre letivo e mais uma vez envolverão todas as escolas de ensino fundamental do município. Professores, alunos e comunidade ressaltaram a importância desses jogos para integração das crianças às outras realidades do mesmo município em que vivem.

Dando um salto para 2016, também no âmbito da formação continuada, uma visita ao Assentamento Rural de Sumaré organizada pelo professor Diego Vilanova Rodrigues e envolvendo os professores de Ensino Fundamental II do município de Sumaré, fez com que os mesmos vivenciassem, na prática, aquilo que ensinam em sala de aula. Neste dia, além de conhecerem sob a perspectiva

dos próprios moradores a história do local, os professores cursistas tiveram a oportunidade de assistirem a uma palestra pelos assentados com a temática "A história da evolução fundiária de Sumaré e a experiência de agricultura familiar em nosso município". Foi um momento bastante prazeroso e de grande valia a todos os professores, que poderão acrescentar elementos da prática à sua realidade. Já com relação aos JEM (Jogos Escolares Municipais), retomados no ano de 2015 por meio do Projeto de Lei nº 102, na semana de 06 a 10 de junho foi realizado o Campeonato de Queimada, envolvendo os alunos dos 5.ºs anos das escolas municipais, sendo premiados com medalhas de ouro, prata e bronze os três melhores times.

Quanto às parcerias entre a Secretaria Municipal de Educação e empresas, nesse ano foram firmados dois Projetos: "Geração Movimento" – parceria entre a SME (Secretaria Municipal de Educação) e Fundação Roberto Marinho e Instituto Coca Cola. O foco do projeto é sensibilizar os professores participantes para o incentivo e prática de atividades físicas dentro do espaço escolar, de uma forma interdisciplinar, indo além das aulas de Educação Física. Outra parceria firmada, foi com o "Grupo Primavera", que patrocinado pela Empresa Honda está oferecendo formação para professores I, II, recreacionistas e auxiliares de recreação, sobre contação de histórias com o uso de fantoches. O projeto, intitulado como "Teatro de Fantoches", forneceu para cada unidade escolar inscrita, um Kit

com diversos bonecos a partir dos quais os seguintes temas podem ser trabalhados: meio ambiente, trânsito, alimentação saudável, diversidade cultural, dentre outros. Ambos os projetos, com término previsto para novembro de 2016, estão em andamento e ações de monitoramento estão acontecendo por meio de reuniões e visitas realizadas pelos parceiros responsáveis pelos mesmos.

Outra parceria foi firmada entre a empresa Buckman e a EM do Jardim Lúcia, região do Matão. O projeto "Contando História", traz como principais objetivos: Formar cidadãos melhores para nossa comunidade; Contribuir para a Educação e retribuir de forma construtiva e firmar valores e princípios em todos os envolvidos. Os conteúdos explorados apontam para "sete princípios": Foco em resultado, Responsabilidade, Comprometimento, Conflito Saudável, Comunicação Clara, Confiança e 100% Responsabilidade.

Neste cenário, é certo que ainda há muito a ser realizado, tendo em vista a ideia de pertencimento e integração bem como a importância de todos os envolvidos com a EDUCAÇÃO no município sentirem-se como protagonistas de uma memorável história.

Os primeiros passos foram iniciados. Acreditando-se que a questão do pertencimento abrange processos que vão além do momento presente, é importante pontuar que a visualização e o planejamento de ações futuras tornam-se imprescindíveis para a verdadeira construção de uma identidade histórico cultural no município. ●



Hugo Jasiulionis

O Projeto Piruetas



O município de Sumaré sabidamente é composto por bairros afastados geograficamente do centro da cidade, o que exige do poder público um bom planejamento estratégico para o atendimento eficiente dos serviços essenciais como transporte, educação e saúde. Em cada região da cidade coexistem instituições e associações que por sua própria função social

possuem ações transformadoras, muitas vezes passando despercebidas pela sociedade. São ações que favorecem a integração entre as pessoas da própria comunidade e das comunidades vizinhas.

Uma destas instituições é a SANNOVA - Associação de Amigos de Nova Veneza. Uma das primeiras associações de moradores fundadas em Sumaré, ela desenvolve

ações de cunho social e esportivo para moradores do próprio bairro e de bairros vizinhos.

Um exemplo foi o PROJETO PIRUELAS que após 3 anos de planejamento e no decorrer dos seus 11 meses de execução entre 2014 e 2015, conseguiu congregiar mais de 50 adolescentes e jovens através de suas atividades compostas por aulas de Ginástica Geral com o

O Projeto “Piruetas” é uma prova de que o poder público deve, cada vez mais, fomentar as instituições não governamentais que possuem como escopo as ações focadas no ser humano, uma vez que são verdadeiras parceiras no atendimento às necessidades da população e são capazes de aproximar pessoas da própria família, congregando pessoas do próprio bairro e de bairros vizinhos e integrando a escola com a comunidade beneficiária, ações emergentes nos dias de hoje.



Tecido Acrobático como atividade principal, gerando a exibição de um produto final que contou com a presença de mais de 300 pessoas vindas de diferentes locais da cidade, e transformando a vida dos seus participantes, como foi possível observar em relatos dos próprios alunos.

Devido à sua originalidade, as ações do projeto impactaram cerca de 1.600 pessoas, dentre elas os pais, os amigos e os parentes vindos de outros bairros e até de cidades vizinhas, seja para conhecer o projeto, seja para assistir as apresentações dos alunos. Nas redes sociais as imagens do projeto ainda geram visualizações repercutindo o sucesso do trabalho mesmo após o seu encerramento oficial.

Além da capacitação profissional promovida pelo intercâmbio de experiências entre professores locais e de professores vindos de cidades vizinhas como Campinas, por exemplo, os alunos da própria escola Ângelo Campo Dall’Orto, local de execução do projeto, que acompanharam de perto como participantes ou como espectadores ainda usufruem do legado deixado, uma vez que todo material utilizado como colchões de segurança e equipamentos necessários à prática do Tecido Acrobático foram doados à escola.

CARÊNCIA DE AÇÕES

Cada bairro, ainda que distante um do outro, “esconde” pessoas com histórias de vida distintas,

pessoas que possuem seus anseios e necessidades. Entretanto, existe uma unanimidade entre elas: a carência por ações que impactem positivamente seu cotidiano, gerando transformações em suas vidas.

O Projeto “Piruetas” é uma prova de que o poder público deve, cada vez mais, fomentar as instituições não governamentais que possuem como escopo as ações focadas no ser humano, uma vez que são verdadeiras parceiras no atendimento às necessidades da população e são capazes de aproximar pessoas da própria família, congregando pessoas do próprio bairro e de bairros vizinhos e integrando a escola com a comunidade beneficiária, ações emergentes nos dias de hoje.

Em Nova Veneza, onde o Projeto foi desenvolvido, existe uma situa-



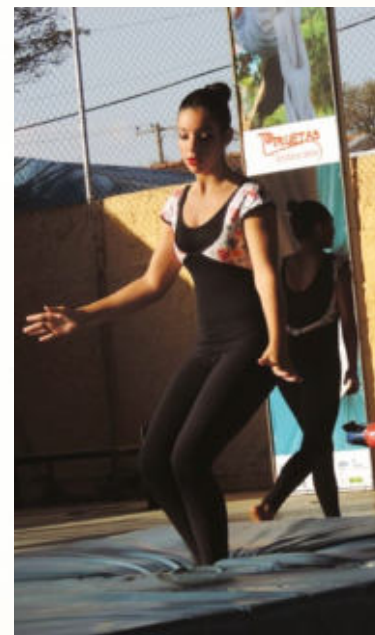
ção social que precisa ser analisada com muita determinação e urgência pelo Poder Público: sua população aumentou muito, devido à instalação de muitos apartamentos do Programa Minha Casa Minha Vida.

A Escola Estadual “Ângelo Campo Dall’Orto”, onde o “Piruetas” foi executado, não tem mais espaço para crescer ou abrigar mais alunos, por conta dos novos alunos, oriundos dos moradores alocados nos apartamentos próximos, que ali vieram de todos os lugares do município. Se Sumaré já tinha

problemas de falta de integração, a nova realidade mostra que esse problema praticamente se agravou. Pensando num intercâmbio Escola-Família-Comunidade, projetos semelhantes ao Piruetas deveriam ser realizados em mais escolas do município. Com isso, a interação de escolas e alunos proporcionaria a desejada e necessária integração da população. Entendemos que a iniciativa deva partir de órgãos da Prefeitura, ligados às Secretarias de Cultura e Educação, com profissionais capazes de elaborar projetos para captação de recursos

junto às empresas do Município, que têm se mostrado interessadas em apoiar eventos dessa natureza. Reforçando essa tese, o PIRUETAS recebeu como visitantes professores e administradores de outras escolas de Sumaré e de profissionais vindos de cidades vizinhas, interessados em repetir a iniciativa em seus estabelecimentos. Infelizmente o papel mais difícil desse processo é o burocrático: como fazer um projeto? como encaminhá-lo? onde obter recursos?

O PIRUETAS de Nova Venéza foi concebido, desenvolvido e aplicado com pouquíssima colaboração do Poder Público. Que esse fato sirva de registro e alerta para que isso não se repita. Que os profissionais da educação e da cultura de Sumaré estendam suas mãos para essas escolas do município e deem a elas a ajuda necessária para construir uma ponte para a integração das famílias no solo de Sumaré.●



Minha Escola é Assim...

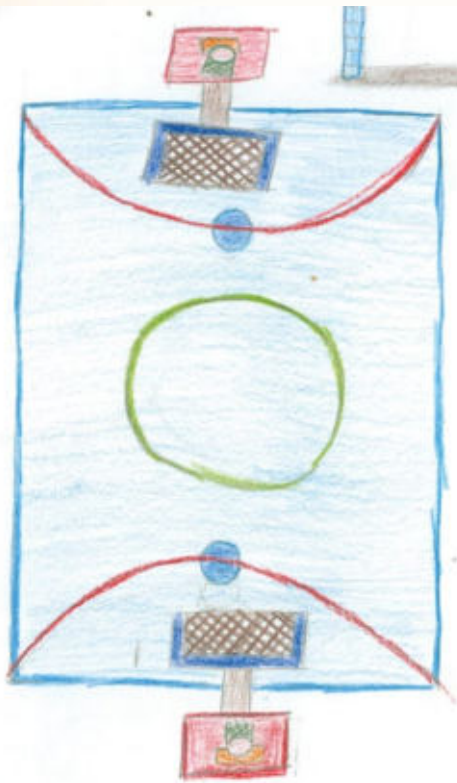


Os desenhos fazem parte do produto final do Projeto “Alkmin- 91 anos, a história continua”, desenvolvido na escola. Trata-se de projeto permanente da instituição e neste ano refere-se ao nonagésimo primeiro aniversário da escola.

Fazem parte do painel do 4º ano A, da professora Célia Regina, intitulado “Minha escola é assim...”

Representam a visão de cada aluno a respeito da escola e ambientes que mais apreciam nela.

Durante o desenvolvimento do projeto, os alunos pesquisam, leem, entrevistam, coletam fotografias históricas junto aos seus familiares, poetizam, narram, entre outras atividades, objetivando o conhecimento aprofundado da história e o valor que a instituição escolar tem para os cidadãos sumareenses e em consequência a eles, que escrevem a parte cotidiana da história.●







Glauce Ongaro

Passado e Presente

O estudo do passado tem como alvo compreender o presente e criar condições de construir o futuro. As experiências vividas por aqueles que nos precederam e que deixaram suas marcas de cultura em todos os segmentos da sociedade, precisam ser olhadas com contínua atenção. Em cada tempo e em cada lugar os homens deixaram sinais de sua presença. Um edifício ou um artefato artesanal, por mais simples que sejam, contam uma história, revelam um pensamento, mostram um jeito de ver o mundo próprios de uma época. A comparação entre o passado e o presente não se restringe às diferenças físicas da imagem, mas aponta também as mudanças e as permanências, as diferenças e as semelhanças entre épocas e pessoas. Esse dinamismo, às vezes oculto na imagem, é que leva a comparar passado e presente, provocando reflexões preciosas e transformadoras.●



Igreja do Senhor Bom Jesus do Matão, construída em 1917

Créditos: Glauce Ongaro



Igreja do Senhor Bom Jesus do Matão, tombada pelo Patrimônio Histórico de Sumaré em 2.000





Igreja de São Judas Tadeu no antigo
Bairro de Aparecidinha



Créditos: Glauce Ongaro



Igreja de São Judas Tadeu no
Bairro do mesmo nome (ano 2016)



Antiga Cadeia Pública. Delegacia de Polícia e de Trânsito – 242º CIRETRAN



Créditos: Glaucete Ongaro



Secretaria de Emprego, Trabalho, Geração de Renda e Desenvolvimento Econômico

Seminário São Francisco de Assis dos Frades Capuchinhos, construído na década de 1960.



Créditos: Glauce Ongaro

Centro Administrativo de Nova Veneza.



Matão é Sumaré

Ainda é cedo para se chegar a uma conclusão sobre o relacionamento entre Matão e Sumaré no que tange ao sentido de pertencimento do bairro ao centro urbano. Nem importa, aliás, que se alcance essa meta dentro de um prazo pré-agendado, mesmo porque o processo é complexo e faltam parâmetros mais objetivos para se quantificar hoje a realidade social em sua permanente mudança. Como pensa Z. Bauman, *“a modernidade líquida dos nossos dias exige análise paciente e contínua da realidade e do modo como os indivíduos são nela inseridos”* (Identidade, 2005).

É evidente, que nesses últimos 50 anos, a ebulição social que se processa no pequeno mundo de Sumaré é muito rápida e profunda. O cenário de ontem era bem diverso do de hoje, e o de amanhã será muito diferente do atual. É necessário ter a consciência de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, são negociáveis e revogáveis - como diz o citado autor. Precisam ser perseguidos e discutidos, tendo a consciência de que a percepção de sua existência já é um passo inicial relevante.

Uma visita ao passado do Matão e a conversa informal com antigos moradores permitem clarear um pouco alguns momentos significativos dessa região.



OS PRIMEIROS TEMPOS

Na segunda metade do século 19, a região de Campinas era grande produtora de café. Ao redor da cidade foram surgindo novas fazendas, seguindo várias direções. Na direção de Limeira, Santa Bárbara e Piracicaba foram surgindo estradas e a seu lado novas fazendas produtoras de café, cana de açúcar e algodão. Num documento de 1865 há referência a uma estrada que passava pelo sítio do Tijuco Preto, “na estrada da Limeira”, e de várias propriedades ali vendidas nessa época. Em 1902, aparece a compra de um pequeno sítio - o Matão - no lugar denominado Tijuco Preto. Aos poucos foram diminuindo as referências ao Tijuco

Preto e o Matão se tornou mais expressivo, com a presença de vários imigrantes italianos (Bosco, Carrara, Belentani, Fantinato) e portugueses (Ribeiro, Paula, Mendes, Franco, Bravo) e outros. É de se notar que o bairro do Matão abrangia no começo toda a parte da atual Aparecidinha, São Judas, Barreiro, parte do Maria Antonia margeando o ribeirão Quilombo, e avançava até às divisas de Paulínia e Campinas. Até 1950, mais ou menos, a economia do bairro era baseada na agricultura, na pecuária e no comércio voltados para Campinas, com pouca ligação com o distrito de Rebouças.

Não é à toa que nos Registros de Ambulantes de Rebouças e no livro de Óbitos da Paróquia de San-

t'Ana, à qual pertencia o Matão, há poucas referências ao Matão nas primeiras décadas do século vinte. Parece que o bairro, já na época, era mais voltado para Campinas do que para Sumaré.

A partir dos anos 50 teve início o grande crescimento de Sumaré e do Matão, que quadruplicaram o número de seus habitantes. Essa explosão demográfica atingiu profundamente o município em toda a sua estrutura social, econômica e administrativa. A emancipação de Hortolândia foi o resultado prático mais evidente desse fenômeno, e que também obrigou outros bairros e regiões a olharem para si e se descobrirem.

Atento às transformações do passado e às perspectivas do futuro, a Associação Pró-Memória tem se ocupado em provocar uma discussão para o problema da identidade do município: história do seu passado, situação de hoje e perspectivas para o futuro. Nesse sentido a Associação Pró-Memória ouviu três pessoas ligadas ao Matão: a professora Renata Garbelini, Coordenadora Geral de Escola de Ensino Integral, que trabalhou 30 anos no Matão; Ailton Farias, professor de Letras, Pedagogo, Psicopedagogo, vice diretor de Escola e morador do Matão há 37 anos; Renato Fantinato, empresário no ramo de Construção Civil, antigo morador do Matão, e hoje morador de Paulínia.

Pró-Memória – *Como vocês veem a relação entre o Matão e Sumaré. Vocês acham que o morador do Matão se sente pertencendo a Sumaré?*



Renata – Quanto mais aumenta a população do Matão, o sentimento de pertencimento vai se diluindo. Quando a população era pequena e as pessoas se conheciam mais, elas se sentiam mais unidas e alimentavam certo sentido de pertencimento ao bairro e a Sumaré. A vinda de milhares de migrantes, com costumes e ideias diferentes, transformou muito o Matão e até a identidade com o próprio bairro foi se enfraquecendo.

Ailton – A população mais antiga do Matão não tinha como ir para Sumaré. Ainda hoje isso é pouco viável. Os jovens não tinham como fazer uma Faculdade, por exemplo, e procuravam Campinas. No campo da saúde, era muito difícil procurar Sumaré. Isso pesou muito, e as pessoas do Matão se sentiam abandonadas. Existia também preconceito contra os moradores

do Matão, que às vezes eram tratados com desdém. O Matão só começou a mudar com a eleição do Dalbém, pois antes os prefeitos faziam tudo só para a região central. Nesses últimos 20 anos as melhorias foram grandes.

Pró-Memória – *De modo geral, o que mais contribuiu para que o Matão se tornasse uma região mais próspera?*

Renata – Além das melhorias trazidas pelo poder público, o Matão é hoje uma região dotada de boa estrutura econômica e social, oferecendo à população várias agências bancárias, bons supermercados, pequenas e médias empresas e um grande comércio varejista. Nesse sentido, o Matão criou certa autonomia em relação a Sumaré-centro. Há 40 anos, meus avós iam para Campinas vender seus produtos e comprar o que

precisavam. Essa situação está mudando.

Ailton – Foi muito positivo para a integração do Matão com Sumaré a criação do UPA no Macarengo e a nova Unidade de Pronto Atendimento da Unimed em Sumaré. Mas, assim mesmo, boa parte dos moradores do Matão ainda vai para Campinas e especialmente para Paulínia.

Pró-Memória – *Vocês que são professores acham que a Escola pode fazer alguma coisa para integrar o aluno ao seu bairro e à sua cidade?*

Ailton – Antigamente havia festival de teatro, campeonato, torneio esportivo, desfiles de moda, levando alunos dos bairros para Sumaré, permitindo que conhecessem o centro da cidade. Acho que isso é muito importante, porque favorece a interação dos bairros com a cidade. E esse é um trabalho que pode ser feito em conjunto pela Secretaria Municipal de Educação e a Diretoria de Ensino do Estado. Outra sugestão é que a Prefeitura, em parceria com as empresas, promova citytours levando alunos e professores para conhecerem o município. Isso já foi feito com sucesso algumas vezes. O que falta é um projeto de integração entre Prefeitura e Estado, entre a rede municipal e a estadual no tocante à educação, em especial no que se refere à história da cidade.

Renata – A população do Matão está meio inconformada com a desatenção de Sumaré para com o bairro, mas ao mesmo tempo se conforma com a situação, porque gostaria de ser mais independente. Parece mesmo haver um sentimento de que o Matão se basta a si mesmo, que não precisa de Sumaré. Seus moradores têm consciência de que

a emancipação política é muito difícil acontecer, mas alimenta a ideia de autossuficiência!

Pró-Memória – *Quer dizer que o Matão não se sente pertencendo a Sumaré?*

Ailton – Acho que é isso. A própria Área Cura acompanha esse sentimento e seus moradores procuram o Matão, suas agências bancárias, seus supermercados...

Renata – Não somos a favor da emancipação política. Só achamos que Sumaré deveria investir mais no transporte, por exemplo, com mais linhas de ônibus, com uma boa estação rodoviária na cidade, com a criação de mais Faculdades, shoppings etc. O cidadão tem consulta médica em Sumaré, fica esperando ônibus mais de uma hora, perde a consulta e fica com raiva de Sumaré. Todo mundo sabe que para ir a São Paulo, é muito mais fácil pegar o ônibus em Campinas, não em Sumaré.

Pró-Memória – *Vocês acham que está havendo um processo de aproximação entre Matão e Sumaré, ou não?*

Ailton – A criação do UPA, das Faculdades Anhanguera na região central abrindo espaços para os alunos do Matão, e a criação do SENAI em Nova Venéza foram passos importantes para essa aproximação. Mas, não podem parar aí.

Renata – O que precisa é haver maior entrosamento entre Cultura e Educação da parte da Administração Municipal. Alguma coisa se fez nesse sentido, mas se percebe a falta de continuidade entre uma Administração Municipal e outra, o que denota claramente falta de planejamento.

ENTREVISTA COM RENATO FANTINATO

A Pró-Memória entrevistou também Renato Fantinato, empresário no ramo de Construção Civil, e antigo morador do Matão. De família tradicional, nasceu no bairro e aí estudou no começo dos anos 70. Por dificuldade de comunicação com Sumaré, continuou seus estudos em Paulínia, onde mora atualmente. Seus pais ainda continuam no Matão, mas ele mesmo tem pouca ligação com o bairro.

Para Renato o que dificulta a vida no Matão, no passado e no presente e sua ligação com Sumaré é, sem dúvida, a distância. Até começos dos anos 80, ainda havia certa identidade entre os moradores do bairro e certa ligação com Sumaré. Com a chegada maciça de migrantes, muitos velhos moradores foram deixando o bairro, especialmente porque se sentiam abandonados pelo poder público. Escola, creche, saúde, transporte levavam as pessoas a procurar Campinas e cada vez mais Paulínia.

Há uma ideia muito presente na cabeça das pessoas de que procurar Campinas e Paulínia é mais prático e mais econômico em tudo. Segundo Renato, o Matão gostaria sim de se tornar independente, mas as pessoas acreditam que é impossível. E por isso se conformam.

A integração com a região central só será possível – continua Renato – quando o bairro receber mais benefícios e a Prefeitura proporcionar mais contatos entre o bairro e o centro, mediante intercâmbio cultural, torneios esportivos, especialmente entre alunos do bairro e da cidade. Isso faria também que os alunos do centro aprendessem a acolher as pessoas da periferia, gerando maior interação e quebrando preconceitos de ambos os lados. ●

Os Bairros da Área Cura

Na tentativa de clarear um pouco a complexa estrutura demográfica de Sumaré com vistas a compreender melhor as nuances do problema identidade/pertencimento, trazemos alguns apontamentos colhidos na Área Cura, outra região importante do município, além do Matão. O nome do entrevistado é José Alves, morador do Bom Retiro, um dos bairros da Área Cura. O nome da região se deve ao PROJETO CURA, implantado a partir de 1983 pela Prefeitura Municipal com dinheiro vindo do Governo Federal, pago com juros baixos em 20 anos. A sigla significa Comunidade Urbana de Recuperação Acelerada e é formada por 25 bairros localizados no distrito de Nova Veneza.

Pró-Memória - *Conte um pouco de sua vida e de como você veio para Sumaré.*

José Alves - Nasci em Cornélio Procopio, no Paraná, e vim para Sumaré em 1974, com 27 anos. Lá trabalhava na agricultura, em especial na lavoura do café. As dificuldades eram muitas. Trabalhava-se muito e ganhava-se muito pouco. O futuro tornou-se mais problemático quando o Paraná foi arrasado

pela geada nos meados dos anos setenta. Muito sitiante perdeu tudo o que tinha. Então, a convite do meu tio, que já morava em Sumaré desde 1969, vim para cá e fiquei morando no Parque Bandeirantes. Sem estudo, só consegui me virar cortando eucalipto e arrancando grama durante quatro meses. Mas, logo depois arranjei emprego de servente de pedreiro na construção da Flaskô, onde fiquei por dois anos.

Pró-Memória - *Como era Sumaré quando você aqui chegou?*

José Alves - Na época Sumaré não tinha nada. No Bom Retiro só tinha um casarão abandonado, umas casinhas e trilhas de terra. Não havia estradas, ruas, condução, mercado, farmácia... nada. Tudo, até pão, tinha que se comprar em Campinas. Quando chovia, era amassar barro! Farmácia só em Nova Veneza. Era mais fácil ir fazer compra em Campinas, do que em Nova Veneza ou Sumaré. Não havia relacionamento entre Bom Retiro e Sumaré. Foi só a partir do Projeto CURA que as coisas mudaram. Hoje temos ônibus para qualquer lugar, comércio bom, lazer... Nossa área ficou meio abandonada, mas foi melhorando aos poucos.

Pró-Memória - *Esse progresso de que você fala é devido aos políticos de Sumaré?*

Era mais fácil ir fazer compra em Campinas, do que em Nova Veneza ou Sumaré. Não havia relacionamento entre Bom Retiro e Sumaré. Foi só a partir do Projeto CURA que as coisas mudaram.

José Alves - No meu ponto de vista, os vereadores têm feito muito pouco pelos bairros aqui da Área Cura. Quase nada. Algumas pessoas, como o Zé Hilário, o Ayala, o Zé Bigode ajudaram muito, mas os vereadores mesmo fizeram muito pouco.

Pró-Memória - *Você acha que a Área Cura hoje está melhor do que o Matão?*

José Alves - Acho que aqui é muito melhor do que o Matão. Aqui é mais organizado pelo povo. O Matão é mais desordenado. Vejo que aqui melhorou mil por cento.



Área Cura - Balão do Bom Retiro

conversado diz que poderia estar melhor. Mas, está razoável. Quanto ao lazer, por exemplo, a Praça do Bom Retiro não tinha boa fama. Era um problema. Hoje não incomoda mais. Até para a Terceira Idade as coisas melhoraram, com a colocação de equipamentos de lazer, mais iluminação nas praças. Está razoável, sim.

Pró-Memória - *Você tem três filhos jovens. Eles gostam daqui e sentem bem?*

José Alves - Eles gostam do bairro e se sentem felizes. Não pensam em sair daqui.

Pró-Memória - *A Área Cura pensa em emancipação? Como você vê esse movimento?*

José Alves - Tem um ou outro político atrás disso. Mas, não sei se seria melhor. Não vejo vantagem nenhuma nisso. Hoje seria melhor estar mais unido a Sumaré. A maioria das pessoas não tem interesse em se emancipar. Talvez só uns 10% gostariam.

Pró-Memória - *O povo daqui ainda se sente morando na Área Cura e não em Sumaré? Acha que as pessoas daqui tem o sentido de pertencimento a Sumaré?*

José Alves - Acho que ainda existe a ideia: "moro no Bom Retiro, não em Sumaré. Moro na área Cura, não em Sumaré". Mas isso está acabando. As necessidades primárias são todas atendidas aqui. Porém, é claro que ainda faltam melhorias para os bairros, principalmente ligação melhor com Hortolândia. E falta também interligação entre os bairros da Área Cura. ●



Área Cura - Vista aérea em 2008

Pró-Memória - *Como as pessoas daqui vêem Sumaré? Os moradores daqui se sentem inferiorizados em relação a Sumaré? O povo reclama muito sobre isso?*

José Alves - Todo mundo fala bem de Sumaré. Tudo o que a gente precisa aqui, tem em Sumaré. O que não tem aqui, a gente encontra em Sumaré.

Pró-Memória - *O pessoal daqui está mais ligado a Sumaré do que a Campinas?*

José Alves - As pessoas daqui, os jovens principalmente, procuram Campinas, mais por causa do comércio e do trabalho no comércio. Mas, para trabalhar na indústria, procuram Sumaré e Hortolândia. Campinas atrai muito por causa dos shoppings.

Pró-Memória - *O fato de que a Área Cura ficou abandonada muitos anos, não causou certa antipatia para com Sumaré?*

José Alves - Com quem eu tenho



Educação e Esporte em Sumaré: Uma Experiência de Vida

Sou muito grato ao município de Sumaré por ter me proporcionado experiências e oportunidades únicas. Minha história na cidade se iniciou no momento em que meu pai, Antônio Vermelho, foi transferido para Sumaré devido ao trabalho. Eu, minha irmã Telma Cristina e mãe Maria Yvone nos mudamos para acompanhá-lo.

A mudança se deu em 1977 quando meu pai foi convidado a trabalhar na filial da empresa Cobrasma, localizada na cidade de Sumaré. Viemos de Osasco, onde meu pai trabalhava, e eu, por intermédio da empresa, ainda com 15 anos, fazia curso técnico profissionalizante na área de ajustador mecânico. Minha mãe sempre exerceu a profissão de costureira, e se destacava pelo seu trabalho. Minha irmã ainda terminava a escola. Vivíamos de forma simples, sem luxos, mas tínhamos tudo que precisávamos.

A mudança assustou um pouco. O medo e as angústias do desconhecido nos deixaram receosos, mas a vida continuou de forma muito satisfatória.

Não demorou e eu já logo comecei outro curso profissionalizante, agora na cidade de Campinas. Fazia o curso de ferramenteiro durante o dia, e a noite, estudava na Escola Estadual Dom Jayme de Barros Câmara, em Sumaré.

Foi nessa época que pude praticar e aumentar a minha paixão pelo esporte. A prefeitura de Sumaré oferecia aulas desportivas no Centro Esportivo. Me matriculei e comecei a treinar aos sábados. Depois de pouco tempo, fui convidado a fazer parte da equipe que representaria o município nas competições. Essa foi uma fase muito boa, na qual pude conhecer inúmeras pessoas e cidades.

Meu pai tornou-se sócio do Clube Recreativo Sumaré. Lá fiz ainda mais amizades, e muitos dos amigos que jogavam basquete também frequentavam o clube. Combinávamos de nos encontrarmos aos domingos, meu único dia livre.

Meu professor de basquete na prefeitura era o Sr. Álvaro Corrêa. Com ele aprendi o significado de equipe, trabalho em grupo, respeito

pelos adversários e principalmente o valor de representar uma cidade. A equipe tinha bastante respeito por tudo isso, e nos sentíamos no dever de darmos o nosso melhor.

Hoje percebo em muitos adolescentes que querem aprender e praticar esporte, uma falta de compromisso muito grande com sua equipe, treinador e com sua cidade que está lhe proporcionando a chance de se desenvolver e aprender aquele esporte.

É muito comum dizer que a prefeitura não faz mais que a sua obrigação, mas eu não vejo assim. Entendo que é dever sim da prefeitura oferecer atividades para o desenvolvimento do jovem, para que ele possa se tornar um cidadão de bem,

Meu professor de basquete na prefeitura era o Sr. Álvaro Corrêa. Com ele aprendi o significado de equipe, trabalho em grupo, respeito pelos adversários e principalmente o valor de representar uma cidade.

com responsabilidades, direitos e deveres, e muitas vezes deixar as ruas e praticar esporte para ter um desenvolvimento melhor. Porém a família desse jovem deve agradecer a oportunidade e valorizá-la. Aos que têm a oportunidade de representar a cidade, devem fazê-lo da melhor forma possível, mostrando sempre educação, respeito e atitudes positivas.

Tive no professor Álvaro Corrêa o exemplo de como valorizar as oportunidades. Acredito que os professores de hoje não podem desperdiçar a oportunidade de ensinar os valores aos seus alunos. Percebo que o mundo está muito estranho. Educação, respeito, cordialidade, bons modos, responsabilidade, amizade, estão se perdendo. Precisamos resgatá-los, e acredito que o professor é uma peça fundamental neste processo. Sabemos que a responsabilidade maior de repassar esses valores é da família, mas na prática a realidade tem sido outra.

Com dezessete anos e próximo a prestar vestibular, muitos me perguntavam qual faculdade faria, o que queria do meu futuro e minha resposta era: não quero fazer faculdade agora, não sei qual profissão seguir, trabalhava na Cobrasma no setor de ferramentaria, mas não gostava da profissão, não me sentia bem, não era feliz.

Na verdade, eu queria era descansar, a minha rotina de trabalho e estudo à noite me cansava, dizia que depois de alguns anos tentaria a faculdade e que naquele momento queria descansar.

Meu pai tinha o sonho de me ver formado em engenharia mecânica, e seguir carreira na Cobrasma, assim como ele. Seu sonho era que o

sobrenome Vermelho permanecesse na empresa por muitos anos. Minha mãe queria que fizesse direito por influência de uma tia advogada, que era muito bem-sucedida, mulher muito inteligente, com um ótimo emprego. Mas eu não queria nada e não tinha motivação.

Meus pais, de forma muito inteligente, não permitiram que eu parasse de estudar e me incentivaram a continuar os estudos e a conquistar uma boa profissão.

Por insistência dos meus pais, fiz inscrição no vestibular da PUC Campinas. Minhas opções foram: 1º Engenharia Mecânica, 2º Direito e 3º Fisioterapia. Percebe-se que eu estava bastante perdido, nenhuma das três tinha nada a ver entre si e muito menos a ver comigo.

Chegado o dia do vestibular, peguei o ônibus para Campinas, sem a menor motivação e interesse, estando a frente da escola onde se realizaria as provas, tomei a decisão de não entrar e fui para outro lugar; o mesmo aconteceu nos outros dois dias de provas.

Algumas semanas depois, num domingo sairia o resultado do vestibular, meu pai nesse dia saiu cedo de casa e foi comprar o jornal para ver o resultado. Chegando em casa me chamou para vermos juntos o resultado. Eu não sabia o que fazer, já sabia o resultado, meu nome não estaria no jornal, nem a prova eu havia feito. Fiquei muito mal, pois ia desapontar meus pais.

Não encontrando meu nome, meu pai ficou triste e minha mãe também, afinal eu era um bom aluno, sempre tive boas notas, era um dos melhores alunos da classe e eles esperavam ver meu nome no jornal.

Apesar de estar tão mal e triste por

ter enganado meus pais, não contei a verdade, com certeza iria apanhar muito se contasse e isso eu também não queria.

Alguns dias depois fui treinar basquete e ao encontrar o professor Álvaro. Ele me vendo daquele jeito triste, me perguntou o que estava acontecendo, qual era o problema e eu respondi que não era nada. Ele insistiu, me falando que eu não estava normal, estava muito abatido e triste. Após alguma insistência decidi contar o fato, estava triste e chateado por ter enganado meus pais.

A primeira reação do professor foi dizer que fiz mal, não poderia ter enganado meus pais, que a verdade sempre é a melhor solução, depois me questionou do por que de eu não fazer Educação Física.

Minha resposta foi: “Educação Física não dá dinheiro, nunca pensei nisso”. E ele comentou que essa profissão tinha um campo de trabalho muito grande, que teria muitas oportunidades. Que se fosse um bom profissional, nunca me faltaria trabalho e que professor poderia ter mais de um emprego, que eu precisaria trabalhar bastante, me esforçar bastante, mas que seria recompensado financeiramente.

Comecei a pensar no quanto gostava de esporte e que talvez estivesse encontrando uma profissão da qual gostava, que poderia me sentir bem e assim ficar motivado a continuar os estudos e ter uma profissão que fosse me fazer feliz.

Perguntei para o sr. Álvaro se no curso de Educação Física tinha a disciplina de matemática e ele sorrindo disse que não. Pronto, encontrei minha profissão, logo pensei.

Ele comentou que, caso eu não gostasse do curso, poderia fazer outro,

porque eu ainda era muito jovem, e na época a faculdade nessa área era de apenas três anos.

Chegando em casa fui falar com meu pai e pedir autorização para me inscrever no vestibular no curso de Educação Física. Sua resposta foi igual ao meu pensamento: isso não dá dinheiro, não vai te dar futuro. Usei os meus argumentos que meu professor havia me dado e consegui convencê-lo.

Com a autorização de meu pai me inscrevi no vestibular da UNIMEP em Piracicaba, passei e iniciei a faculdade. Chegando lá fui conhecer o professor de basquete, o professor José Carlos Hebling, que era campeão mundial desta modalidade e amigo do professor Álvaro.

Após alguns meses, forcei a barra para ser demitido da Cobrasma. Imediatamente o professor José Carlos me arrumou um emprego em uma clínica de Fisioterapia da qual era dono. Me mudei para Piracicaba e minha vida mudou junto. Lá eu amadureci e me tornei um homem com muitas responsabilidades.

Enquanto fazia Educação Física, surgiu a oportunidade de fazer um curso de arbitragem de basquetebol, pela Federação Paulista, continuava a jogar, agora representando a Universidade, e apitava alguns jogos, quando o professor José Carlos pedia.

Ele também me deu a oportunidade de fazer estágio com a equipe de basquete feminino da UNIMEP, na qual jogava a maior estrela que conheci, "Magic Paula".

Foi um período importante onde pude conviver com as melhores jogadoras da época. Aprendi muito, estagiei como se fosse um técnico da equipe, participando efetivamente dos treinamentos.

Morei em Piracicaba por três anos, trabalhava na clínica durante o dia, à tarde ia para os treinos de basquete e à noite para a faculdade, nos finais de semana apitava alguns jogos de basquete pela Federação Paulista.

Em julho de 1983, voltei para Sumaré com 21 anos e agora professor técnico de basquetebol. Surgiu então a oportunidade de trabalhar pela Prefeitura Municipal de Sumaré, no centro esportivo, como técnico da modalidade basquetebol.

Foi um início muito difícil, a desconfiança com um profissional novo e recém-formado era grande. Aos poucos fui conquistando a confiança dos atletas. Tínhamos uma equipe de garotos de 14 e 15 anos muito boa, que até o ano anterior disputava jogos do campeonato da federação paulista e naquele ano a prefeitura não estava mais participando desta competição e os atletas estavam muito desmotivados, assim como seus pais que queriam que a equipe continuasse a competir.

Após alguns meses, voltamos a participar de competições, reforçamos a equipe e continuamos a ser uma referência da categoria na região. Os pais e os atletas voltaram a se sentirem motivados.

Trabalhei por dez anos como técnico de basquetebol de Sumaré. Muitos jovens passaram pelas minhas instruções, muitos conseguiram destaque na região jogando por Sumaré, alguns depois de certo tempo foram jogar em outras cidades e jogar por equipes com um reconhecimento maior.

Também em 1983, comecei a lecionar na rede estadual em Sumaré, hoje já se vão trinta e três anos como professor. Minha primeira escola foi a E. E. Liomar Freitas Câmara,

hoje pertencendo ao Município de Hortolândia.

Em 1987, o professor José Nista que era coordenador no centro esportivo e também trabalhava na coordenação do Estado de São Paulo, me convidou a apitar um jogo de basquete no clube Regatas em Campinas. Eu já não apitava mais pela federação desde que havia voltado para Sumaré. Apenas apitei algumas vezes o torneio de 1º de maio (torneio dos trabalhadores), que infelizmente não acontece mais.

Professor Nista, me disse que precisava de um árbitro, e por ver que eu gostava bastante de apitar, perguntou se eu poderia ir àquele jogo. Aceitei o convite e perguntei quem iria apitar junto a mim. O árbitro acionado foi o Mário Augusto Martines Osório, um colombiano que estudava no Brasil, morava em Campinas e apitava pela Federação Paulista.

Fiquei muito contente e feliz pela oportunidade, pois havia visto o Mário apitar a final dos jogos abertos daquele ano e sua performance tinha sido muito boa, era um dos melhores árbitros do interior do estado de São Paulo.

Chegando ao Regatas, fui conhecer o Sr. Mário Osório. Me apresentei e ele, muito simpático, me perguntou se sabia que jogo iríamos apitar. Respondi que não, então ele me contou que seria a final de um torneio tradicional de Campinas e que fazia alguns anos que não terminava, devido a brigas.

Nossa! Que responsabilidade, apitar a final de um torneio e para piorar que não terminava há alguns anos.

Demos início a partida. Qual a surpresa após um pouco mais da metade do jogo? Briga. Começou uma

discussão entre os jogadores e num determinado momento o Mário tentou separar dois jogadores que brigavam. Percebi que ele seria atingido por um soco, e eu rapidamente entrei na frente, sendo atingido. Após alguns minutos de confusão a briga parou e fomos embora sem terminar a partida.

O Mário me agradeceu muito por ter evitado que ele fosse atingido, conversamos bastante, ele me incentivou a voltar a apitar profissionalmente.

No sábado seguinte, minha equipe foi jogar em Campinas e o Mário, para minha surpresa, era um dos árbitros escalados. Após o término da partida, ele me perguntou se eu poderia apitar, junto com ele, um jogo em São João da Boa Vista, pois seu parceiro não poderia mais ir.

Respondi prontamente que sim. Então, ele entrou em contato com a federação e perguntou se poderia me levar, a federação autorizou e lá fomos nós. Nesse jogo, deu tudo certo. Já se passaram quase 30 anos, eu e Mário Osório nos tornamos a melhor dupla do interior por muitos anos, apitando muitos jogos importantes e sendo escalados para diversas finais, inclusive na capital. Fui eleito árbitro revelação da federação três anos depois do meu início e esta parceria durou 13 anos. Mário foi um dos meus melhores amigos, excelente árbitro e excelente pessoa, teve que retornar para a Colômbia e não tive mais contato com ele.

Me tornei árbitro internacional tendo a oportunidade de conhecer muitos estados do Brasil e vários países. Sempre estive nas principais competições do país. Uma profissão difícil, desgastante, porém para quem gosta, ela é extremamente gratificante.

Conheci e trabalhei com pessoas muito importante para o basquete: Paula, Hortência, Marcel e Oscar.

Já são mais de trinta e três anos como profissional de Educação Física, sendo ligado diretamente ao basquete nacional e internacional.

Hoje dou aula na escola estadual para filhos de ex alunos meus. Tive a oportunidade de dar aulas para alguns alunos no ensino fundamental, médio e depois na faculdade Adventista de Hortolândia onde ministrei algumas disciplinas. É muito gratificante saber que motivei e fui exemplo para várias pessoas que também quiseram se tornar profissionais do esporte por influência de minha pessoa.

Um exemplo muito legal é o da Priscila Rodrigues Prado, que conheci com 15 anos. Ela foi minha atleta, uma ótima jogadora, capitã da equipe, que quis fazer Educação Física. Fui seu professor na faculdade e no dia da formatura veio pedir para que eu entrasse ao lado dela. Foi um gesto muito bonito da parte dela e que me fez pensar muito no meu professor Álvaro que foi tão importante para mim. A Priscila hoje é a técnica do basquete feminino de Hortolândia. Eu sou seu supervisor.

Sou conhecido como um professor muito exigente, muitas vezes chato, mas também sei que a maioria das pessoas reconhece o meu trabalho e sabe dos meus valores. Eu procuro sempre passar isso aos meus alunos. Acredito que o aluno precisa se sentir importante e motivado. Uma palavra de carinho é muito importante, mas chamar a atenção dele e mostrar o certo e o errado também é igualmente importante.

Não tem como saber como seria minha vida se não tivesse vindo

para Sumaré, uma cidade tranquila, pacata em relação a Osasco, em São Paulo, com uma qualidade de vida muito melhor, onde se pode fazer amizade com mais facilidade, onde as famílias se conhecem. Sei que aqui tive a oportunidade de jogar basquete, defender uma cidade, reforçar valores que meus pais me deram, tive a oportunidade de conhecer inúmeras pessoas que foram muito importantes no meu desenvolvimento, como cidadão e conhecer o professor Álvaro que me encaminhou na profissão. Além disso, pude conhecer o professor Nista, grande incentivador, que me deu a oportunidade de voltar a apitar. Essa cidade me deu a oportunidade de conhecer a mãe dos meus filhos Edlayne de Castro e aqui nasceram meus filhos Guilherme de Castro Vermelho, que tem 25 anos, e Caroline de Castro Vermelho, com 23 anos, ambos formados e trabalhando. Essa cidade me deu meu primeiro emprego como professor de Educação Física.

Para alguns talvez essas oportunidades que temos na vida, não sejam algo tão importante, ou muitas vezes não percebemos quando elas batem a nossa porta. Acredito que a vida é cheia de oportunidades, e que o importante é saber abrir a porta e reconhecê-las.

Fiquei feliz em ser convidado pela Associação Pró-Memória de Sumaré a falar um pouco sobre mim, contar como foi minha iniciação e as oportunidades que tive na vida, além de poder reforçar que temos que agradecer todos os dias pelas oportunidades, pelas experiências, pelos momentos, pela vida. Um forte abraço. ●



Música: Fator Para Agregação Social

Com esta matéria nos propomos uma reflexão sobre a cultura musical de Sumaré ao longo de sua história e seu papel como um instrumento agregador da comunidade. É possível que a música venha a ser um elemento agregador para a população de um Município? Ressalte-se que, na década de 70 do século XIX, Sumaré teve um dos maiores crescimentos populacionais do Brasil. Sua população subiu de 23 mil para aproximadamente 102 mil habitantes. A cidade, até então formada em sua maioria por imigrantes italianos, portugueses e espanhóis, recebeu migrantes de todas as regiões do país, especialmente do estado do Paraná, e de outros estados da região Nordeste.

Para ilustrar este questionamento, destacamos que desde a época de sua fundação, datada oficialmente em 26 de julho de 1868, Sumaré, naquela época Distrito de Campinas, demonstrou uma vocação singular para a música. Imigrantes italianos e portugueses, em sua maioria, trouxeram para a cidade

seu interesse por esta arte buscando o seu ensino para os filhos e para todos aqueles que se interessassem.

Por este motivo, formaram-se bandas de música que animavam festas religiosas tanto na praça pública da área central, como nas igrejas e bairros distantes do Centro.

Existem documentos comprovando a existência da Sociedade Musical Reboucense, da Orquestra dos Biancalana, da Jazz Band e da Banda de José Maria Barroca desde as primeiras décadas do século XX. Não era surpresa ver grupos de seresteiros caminhando pelas ruas da então Rebouças.

A partir da década de 50, destacaram-se o grupo Walter e seu Conjunto e a Orquestra Skindô. A Orquestra Skindô também se tornou referência em cidades da região e de Minas Gerais. Esta vocação musical levou a cidade a ter na música um forte instrumento para a união entre seus habitantes.

De acordo com Carlos Yansen, mestre e doutor em música pela

Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), era notória a cultura musical em todo o Brasil já no século XVIII.

“Nos meados de mil e setecentos, muitos brasileiros escreveram obras de grande importância, tendo uma cultura e uma educação musical semelhante às dos grandes mestres da Europa nos períodos clássico e barroco”. Segundo ele, a produção musical continuou até meados do século XX.

Esta vocação musical levou a cidade a ter na música um forte instrumento para a união entre seus habitantes.

Em sua análise, após o término do período do presidente Getúlio (1930-1945) e da morte de Heitor Villa-Lobos, que para ele, foi o maior compositor das Américas, a arte musical foi, aos poucos, sendo deixada em segundo plano. “Ape-

nas uma parcela mínima da população, através de meios próprios, podia ter acesso a ela”, considera. “O tão falado Canto Orfeônico e a educação musical obrigatória foram retirados do currículo escolar e a maioria das pessoas perdeu este meio importante de educação e cultura. No entanto, o interesse pela área permanece. A arte faz parte da formação básica do indivíduo. Sob este ponto de vista, ela musical é condição *sine qua non* para o desenvolvimento humano em toda a sua potencialidade”, afirma Yansen.

Referindo-se ao caso específico de Sumaré, ele avalia que o crescimento demográfico superior a 300% “gigantesco e em rápido período de tempo, não proporcionou uma integração entre os antigos e os novos habitantes e, infelizmente, isso irá sempre acontecer”.

Yansen, que é pianista e professor adjunto da Universidade Estadual do Paraná (Univespar), acredita que a cidade “possui um certo bairrismo que ainda forma uma oligarquia que não permite a integração de novos membros e, quando permite, há diferenças de aceitação”.

A falta de memória é outro ponto importante. “Quem conhece Dorival Gomes Barroca ou as antigas bandas que animavam os bailes e carnaval?” indaga o músico. “Os antigos se vão e somente seus descendentes é que conhecem suas histórias. Muitos nem dão atenção para isso. Cabe ao Poder Público, por meio de iniciativas, promover a memória da cidade”.

Neste sentido, ele destaca o papel

da Associação Pró-Memória. “As pessoas que estão lá são verdadeiros heróis que levantaram esta bandeira e seguem em frente, apesar das intempéries, levando a cultura e a memória da cidade para a população”.

CONCERTOS DIDÁTICOS DIVULGAM TRADIÇÃO DAS BANDAS EM SUMARÉ

O músico e maestro Marcio Beltrami diz não ter dúvidas que a música, apesar da diversidade de culturas que chegaram com os migrantes em Sumaré a partir de 1970, será sempre um elemento agregador.

“Por fazer parte do convívio humano, a música, seja ela de qualquer estilo ou gênero, será sempre uma forma de aproximação entre as pessoas”, considera.

Para Beltrami, clarinetista formado pela Faculdade Mozarteum de São Paulo, a mídia exerce um papel fundamental.

“É necessário conhecer melhor o universo musical. Partindo deste princípio, teríamos uma divulgação maior para ampliar o conhecimento técnico da população”.

Segundo ele, as bandas, não apenas em Sumaré, mas em toda a RMC (Região Metropolitana de Campinas), tem proporcionado a formação musical da comunidade. À frente da Banda Municipal Dorival Gomes Barroca, que leva este nome em homenagem a um dos principais incentivadores da música em Sumaré, Beltrami, que tem em seu currículo a criação da Banda Jovem de Americana, da

Banda Municipal “Professor Gunars Tiss”, de Nova Odessa, e da Banda Municipal de Hortolândia, desenvolve há 29 anos um projeto denominado Concertos Didáticos. O projeto é o mais longo existente na área cultural de Sumaré e mostra a diferença dos instrumentos e dos ritmos existentes da cultura musical.

“Este ano estamos realizando o Concertos Didáticos no Auditório do Centro Administrativo de Nova Veneza, Distrito da cidade, onde temos condições de oferecê-lo com uma estrutura melhor. A acústica do local oferece maior fidelidade às músicas”, explica.

NOVOS RITMOS E SONS DOS BAIRROS NA PRAÇA DA REPÚBLICA

O novo perfil da população, registrado a partir da segunda metade do século XX, principalmente das comunidades jovens de bairros distantes da região central da cidade e de bairros de Nova Veneza, tem levado o Poder Público a promover, ao longo dos anos, projetos e eventos para que todos pudessem compartilhar, de uma forma ou de outra, sua ligação com o Município. Prova disso são os eventos realizados atualmente, tanto na Praça da República, quanto nos bairros mais afastados.

De acordo com o Superintendente Administrativo de Cultura da Prefeitura de Sumaré, Anésio Lanatti Jr, a linguagem dos grupos criados em bairros distantes da região central é diversificada e contempla conjuntos de rock e do



Somente com um conjunto de ações, muitas delas já em andamento, das organizações não governamentais, do Poder Público e da iniciativa privada, será possível resgatar a vocação singular que o Município possui para a música.

Carlos Yanssen

Movimento Hip Hop, em suas diversas expressões.

Dentre os projetos que vem sendo realizados estão o Barulho na Oca, uma referência ao nome colocado com humor à cidade no Facebook por parte da população. “*Quisemos aproveitar esta brincadeira para popularizar o projeto*”, explica Lanatti. O Barulho na Oca é realizado uma vez por mês na Praça da República. “*São bandas de rock que, desta maneira, encontram uma forma de se expressar e mostrar seu trabalho ao público*”. Emergindo das periferias das grandes metrópoles de países ocidentais, o Movimento Hip-Hop ganhou força em Sumaré e hoje conta com aproximadamente 20

grupos. “*Observamos uma troca de experiências muito grande*”, destaca o Superintendente. “*Existe também uma grande interação entre os grupos sumareenses com grupos de cidades da RMC e de São Paulo*”.

A Secretaria Municipal de Cultura criou ainda o Rock de Garagem, voltado aos grupos deste gênero musical. “*Mais de 50 bandas participam de uma maneira ou outra destas apresentações*”. A presença de bandas de bairros periféricos no Centro da cidade revela a inserção musical na sociedade.

O palco é a Praça da República, local que, quando da fundação da cidade, foi utilizado para as apresentações da primeira banda

conhecida da cidade, a Sociedade Musical Reboucense. A Praça da República é considerada também um dos primeiros núcleos de moradores que deu origem à formação da cidade.

Partindo da complexidade do desenvolvimento de Sumaré ao longo de mais de 50 anos, acredito que somente com um conjunto de ações, muitas delas já em andamento, das organizações não governamentais, do Poder Público e da iniciativa privada, será possível resgatar a vocação singular que o Município possui para a música. Na esteira deste trabalho, todos os seus habitantes, sejam as famílias antigas que ajudaram a construir a cidade, sejam os que vieram depois, poderão ser inserir, igualmente, dentro do contexto histórico e cultural da sociedade. ●



Ana Carmen Amorim Jara Casco

Fragmentos de Um Discurso Sobre Educação

Os avanços políticos conquistados com a promulgação da Constituição Federal de 1988 fizeram com que os debates no campo da preservação do patrimônio cultural ganhassem espaço na arena política e social brasileira, e questões como memória social e identidade passassem a ser consideradas como dimensões intrínsecas e relacionadas a este campo. Os valores socialmente construídos, de forma direta ou indireta, através da ação dos grupos sociais e/ou dos estudos técnicos e especializados, são hoje vistos como dimensões das memórias individuais ou coletivas, assim como amálgama das diferentes identidades que ligam grupos sociais a territórios, redes, lugares, vizinhanças, objetos, práticas, tradições e suas reinvenções e reinterpretações Brasil afora. Assim como o patrimônio cultural de uma sociedade, memórias e identidades são construídas socialmente. Tais construções formam espécies de finas redes, delicada ou fortemente trançadas e que passam a desempenhar um inestimável papel de sustentar, dar sentido, fortalecer ou tornar flexíveis os modos de vida, as culturas destes grupos.

Memória, identidade e patrimônio são ingredientes importantes das práticas políticas que fomentam o desenvolvimento de sociedades críticas, autônomas e livres. Por outro lado, sociedades críticas, autônomas e livres constroem Estados mais democráticos, com senso de justiça afinado com a ética dos direitos humanos, condições de igualdade, acesso a trabalho e bens de consumo, direito à saúde e à educação, respeito à diferença, tolerância etc.

De forma isolada a preservação de patrimônios não é por si só garantia de um mundo melhor, mas associada a outras práticas e políticas, poderá de alguma forma mostrar o quanto a cultura de um povo é transformadora e até mesmo revolucionária. Existe uma dimensão educadora na cultura, nos diferentes patrimônios dos grupos sociais.

Há algum tempo a associação entre Patrimônio e Educação comparece na pauta das políticas públicas culturais. Em certos momentos com maior força e clareza, em outros de forma discreta ou enfraquecida pela disputa de minguados recursos destinados a estas políticas nos diferentes governos que sucessivamente, ao longo do tempo, têm contribuído para que o Brasil seja o que ele é hoje.

De qualquer forma e sem a pretensão de esgotar temas tão complexos, gostaria de abordar um pouco a questão da relação entre educação e patrimônio e do quanto considero a educação a grande parceira da cultura na construção de mundos melhores.

A relação entre Patrimônio, Cultura e Educação assume ao longo do tempo as tintas fortes de cada momento político brasileiro e disso podemos construir uma história que vem sendo pesquisada, organizada e difundida por estudiosos de diversas áreas do conhecimento em programas de pós-graduação renomados. No entanto, e é importante que se diga, o crescimento da reflexão sobre estes temas possui uma íntima relação com as práticas e a forma concreta de lidar com o patrimônio cultural seja por parte do Estado, seja por parte da sociedade.

A Constituição de 1988 representa um amadurecimento político expressivo e resulta de um processo de redemocratização do país. Estabelece por sua vez, segundo Ulpiano Meneses, um novo patamar para a política de patrimônio no Brasil reconhecendo na sociedade o papel de indicar e nomear seus valores culturais, aqueles dignos de serem preservados e transmitidos aos que nos sucederão. Os valores deixam de “pertencer” às coisas e passam a ser entendidos como construídos pelos sujeitos históricos, os homens comuns, cada um de nós, em nossa trajetória de autores da História.

Estas novas condições de lidar com o patrimônio e o conjunto de

Habitar seria, portanto, estabelecer uma relação de pertencimento, mecanismo nos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória nos situa no tempo as “(...) duas coordenadas que balizam nossa existência”. (Meneses, 2007)

categorias a elas associadas, como memórias individuais e coletivas, história, identidades, impõem novos desafios sociais e políticos e convoca a “área” da educação a repensar seu papel e parceria neste processo.

Embora a educação como um campo específico de políticas e reflexões tenha um caminho próprio e singular numa nação como o Brasil, os reflexos de redemocratização, abertura política, a importância da participação social nos processos políticos se expressam de forma especial e, porque não, transformadora.

A lógica preservacionista de museu “antigo” que isola e guarda em vitrine aquilo que possui valor, foi responsável pela construção de um modo de relação entre Estado e sociedade na lida da preservação,

afastando, num certo sentido, as pessoas da responsabilidade de zelar por seu patrimônio. A transformação desta relação, conforme afirmado pela Constituição Federal, impõe a necessidade de uma ação educativa também transformadora. Educação não apenas nos lugares especialmente destinados ao ensino como as escolas, universidades, cursos técnicos, mas também nas políticas públicas de caráter emancipador, cidadão e culturais, nas iniciativas de caráter privado, nas ações de grupos sociais independentes e autônomos que desejam preservar e transmitir suas culturas.

Diante dessas novas dinâmicas, trazidas pelo Estado democrático em construção, os papéis, as condições, as ações se transformam e se alinham ou se opõem no sentido de estabelecer as tensões necessárias ao parto/pacto de uma nova forma de organização social, política, econômica.

Neste sentido e para efeito deste texto talvez a condição de “habitante” seja uma mirada através da qual podemos pensar a relação entre educação, cultura e patrimônio.

Segundo Meneses “*o verbo habere em latim significa possuir, manter relação com alguma coisa, apropriar-se dela*”. Habitar seria, portanto, estabelecer uma relação de pertencimento, mecanismo nos processos de identidade que nos situa no espaço, assim como a memória nos situa no tempo as “(...) duas coordenadas que balizam nossa existência”. (Meneses, 2007)

Para os habitantes, os significados da cidade não são inerentes a ela, nem são sempre os mesmos, mas fruto da relação estabelecida dentro e fora de si com a cidade, através das teias das relações tecidas pela convivência cotidiana com esta e seus habitantes, as impressões deixadas a cada passo dado com firmeza ou hesitação, em percursos repetidos ou inéditos.

A vida cultural do habitante é em geral qualificada pelo sentido, por um modo de convivência e coexistência marcados por raízes de interioridade e consciência. A percepção de valores que estão dados na intimidade e familiaridade de uma maneira de usar, olhar, cuidar não raramente é muito diversa da de outros “passantes” como os especialistas, os turistas, os frequentadores eventuais...

Desenvolvidas por técnicos e/ou especialistas, muitas vezes as ações de educação voltadas à valorização da memória, identidade e patrimônio local se traduzem em mostrar aquilo que o professor/mediador está vendo – como no papel do guia turístico ou de exposições em museus, que ao contar a história descreve a obra e desta forma induz o observador a fazer uma determinada observação da obra, provocando ruídos na fruição e experiência individual.

Em geral os habitantes fazem um “uso existencial dos bens culturais” – a sua fruição ligada à própria existência, aos hábitos, modos de vida. Os não-habitantes, os de fora fazem, por sua vez, um uso cultural dos bens/patrimônios – e isso

é um divisor de águas nas ações educativas, por exemplo, realizadas por profissionais que não pertencem àqueles grupos sociais ou localidades, e que não consigam estabelecer uma relação dialógica, na qual a voz, a experiência, a forma de ver do habitante se inscreva como saber.

Quando pensamos em realizar ações educativas em certos contextos lidamos com muitas variáveis: o lugar que pode ser uma cidade, por exemplo, os agentes envolvidos, as relações estabelecidas, os diversos pontos de vista e as experiências individuais e coletivas de fazer parte do lugar, ou ser um morador recente, ou apenas um “visitante”.

Para aquele que não possui intimidade com a cidade as informações que um professor, guia, mediador ou mesmo um morador podem oferecer é preciosa e pode ajudá-lo a estabelecer uma relação e compreensão que facilitem a interação com o lugar, permitindo usufruir e se transformar com a experiência. E neste sentido, para o não habitante, as informações dadas são como que inerentes à cidade, embora sejam também, de certa

maneira, uma interpretação, um recorte feito pelos “informantes locais”.

Para os habitantes, os significados da cidade não são inerentes a ela, nem são sempre os mesmos, mas fruto da relação estabelecida dentro e fora de si com a cidade, através das teias das relações tecidas pela convivência cotidiana com esta e seus habitantes, as impressões deixadas a cada passo dado com firmeza ou hesitação, em percursos repetidos ou inéditos.

“Falar e cuidar de bens culturais é falar de coisas (ou práticas) cujas propriedades são seletivamente mobilizadas pelos grupos sociais para socializar, operar e fazer agir seus valores (ideias, crenças, afetos, significados atribuídos, expectativas, juízos, critérios, normas etc.)” (Scifoni, 2014). Ou seja, não estamos falando de valores criados, identificados ou nomeados por especialistas, como valores intrínsecos às coisas e descobertos pelo conhecimento, mas estamos falando de valores socialmente construídos na lida diária com a vida, os lugares, os objetos, as práticas.

“O patrimônio é, antes de mais nada um fato social, algo que é gerado no interior das práticas sociais, das quais estado e governo podem participar. O poder público, no entanto, tem por função agora declarar o que é patrimônio e protegê-lo em colaboração com o produtor de valor, os grupos sociais. É importante reconhecer, no entanto, que

mesmo sem intervenção do poder público, o patrimônio cultural existe e vive”. (Meneses, op. cit.)

Segundo Meneses “*A atividade no campo do patrimônio cultural é complexa, delicada e trabalhosa*” [...] e ao mesmo tempo “*fascinante e gratificante pois estamos tratando daquela matéria prima – significados, valores, consciência, aspirações e desejos – que fazem de nós, precisamente seres humanos*”. Ao buscar associar educação e preservação do patrimônio é preciso sempre indagar de que tipo de ação educativa e de que patrimônios estamos falando. Mudar práticas e políticas é simples mas, às vezes, depende principalmente da vontade e da crença na potência da mudança.

Ao pensar um pouco sobre o campo da educação uma primeira reflexão que surge diz respeito à nossa tradição ou familiaridade com um modelo educacional orientado pela atitude de conduzir, dar a direção, ensinar o caminho. Modo de ensinar que considera existir um sujeito que sabe e outro que é ignorante quando de fato cada um sabe algo e a riqueza do processo de educar reside não raro nas trocas entre saberes, estágios de conhecimento e experiências.

Um dos desafios da Educação patrimonial como parte da política pública voltada para a preservação é utilizá-la como estratégia de aproximação com os grupos sociais locais, uma forma de abrir canais de troca, diálogo e escuta em relação aos valores culturais

próprios destas comunidades. Estabelecer um caminho de diálogo aberto e participativo no sentido de atuar em sintonia com o princípio de que ao Estado cabe exercer o papel declaratório em relação ao que é considerado patrimônio cultural e protegê-lo. Aos grupos sociais cabe o papel de autor e ator principal da cena de explicitação e reconhecimento dos valores de sua cultura, cultivar estes valores, agir para que sejam salvaguardados e transmitidos como herança para as gerações futuras.

Inventários participativos, cartografias afetivas, percursos sensoriais, histórias de vida, inúmeras são as possibilidades de despertar os diversos grupos do sono provocado por mecanismos de comunicação viciados ou por políticas que levam o cidadão a acreditar que tudo depende do Estado ou de “forças superiores” e não da sua parcela de participação.

Atuar para que o silêncio da ausência de participação dê lugar à polifonia de opiniões, trocas, disputas, divergências, é arriscado e exige cuidado, respeito, atenção, mas talvez seja uma das poucas maneiras de contribuirmos para que as ações preservacionistas se coloquem de fato como direito das populações e não um dever, uma obrigação frequentemente não respeitada.●

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENESES, Ulpiano Toledo Bezerra. *Premissas para a formulação de políticas públicas em Arqueologia*. Revista do Patrimônio n.º 33 – Patrimônio arqueológico: o desafio da preservação, p 37-57. IPHAN, 2007.

SCIFONI, Simone. *Para repensar a Educação Patrimonial*. In: PINHEIRO, Adson R.. (Org.). *Cadernos de Educação Patrimonial*. 1 ed. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 2014, v. 1, p. 187-198

Sócios Contribuintes

Adarmon Eugênio de Assis
Airton Ataíde Noveletto
Alairton Marangoni
Alan Cardeque Simões de Almeida
Aléssio Biondo Junior
Alfredo Albuquerque Mangueira
Anderson Noveletto
Anete Maria de Azevedo
Antonio Carlos Marangoni
Antonio Carlos Serra
Antonio César de Vasconcellos
Antonio Euclides Marcello
Antônio José Pinto
Arivaldo Marangoni
Benedicto Aparecido Pianoski
Bruno Izaias da Silva
Cesar Barijan
Cesarino Carvalho Junior
Chico Amado
Claudia Alves Rodrigues Pandin
Claudio Aparecido Padovani
Claudio Fernando Franceschini
Débora Polo Souza
Dionísio Kalvon
Djacir Sanguini
EMEF Antonio Pailotto
Eugênio Coltro
Everaldo Ricatto
Fábio Araújo Pires
Fellipe Comine Oschin Alves
Francisco Antonio de Toledo
G2 Contabilidade
Gilberto Moranza
Giovana Menuzzo
Glauce Ongaro
Gutemberg Portella
Herman Yanssen
Hermenegildo Maialle
Isidra Aina Veiss
Jair Menuzzo
Jarbas Teixeira
Jasmide Sidnei Cia
João Alvares
João Rubens Gigo
Joel Pizarro
José Antonio Hespagnol
José Antonio Rodrigues
José Cunha Filho
José Dalton Gomes Morais
José Ferreira Quental
José Lins Phenis
José Mancino
Julio José Campigli
Karin Cristina Aliscantes Borges
Laércio Aparecido Fregatti
Laerte A. Dell'Agnezze
Luíz Carlos Piazentin
Luiz Falivene Neto
Manoel Messias Oliveira dos Santos
Marcio Beltrami
Márcio José Vasconcellos
Maria A. Belintane Fermiano
Maria Celeste P. Tardio
Marlene Giroto
Mauricio de Lima Joel
Mercedes Volterani Galo Duarte
Mike Juan de Oliveira Gomes
Mildred de Souza Netto
Milton Angelo Ongaro
Milton Coltro
Nestor Geraldo Duarte
Orivaldo Caron
Osilia Reginaldo
Osmar Miranda Junior
Otávio Moretto
Otávio Tomazim
Paulo Roberto Miranda
Plínio Giometti
Rander Cabral
Reinaldo Naia Cavazani
Renato Ghirardello
Ronald de Souza Filho
Sidney Foffano
Sidney Garcia
Sílvia Marques
Sílvio Cezar Coltro
Suely Ongaro
Ulisses Pedroni
Valdomiro Villis Klava
Wilson Oschim Alves
Wellington Correia de Oliveira
Wesley da Silva de Oliveira
Wilson José Ravagnani

Sócios Empresa

Associação Comercial, Industrial e Agropecuária de Sumaré
Alpe Segurança
Danucci Restaurante e Pizzaria
Desktop Internet Services
Dsz Imobiliária
Eldorado Imóveis
Good Bom Supermercados
Pastelutchu Pastelaria
Refrigeração Dobelin
Têxtil Assef Maluf
Veccon Empreendimentos Imobiliários

Autores

Alaerte Menuzzo

Professor de História formado pela PUC-Campinas. Ex-Diretor do CONDEPHAEA – Conselho do Patrimônio Histórico Artístico e Etnográfico de Sumaré. Fundador e diretor patrimonial da Associação Pró-memória Sumaré. Cronista de jornais e revistas de Sumaré. Autor e co-autor de vários livros sobre a História de Sumaré.

Ana Carmen Amorim Jara Casco.

Arquiteta e Urbanista pela FAU/UFRJ. Mestre em Comunicação e Cultura pela ECO/UFRJ. Doutora em Antropologia Social pelo PPGAS – Museu Nacional/UFRJ. Professora adjunta da Escola de arquitetura e urbanismo da UFF 1997, na área de Técnicas Retrospectivas. Funcionária aposentada do Iphan onde atuou como arquiteta e editora da Revista do Patrimônio. Professora e pesquisadora do Mestrado Profissionalizante do Iphan na linha de pesquisa Educação e Patrimônio.

Edemilson Vermelho

Licenciado em Educação Física e Pedagogia, pós graduado em Didática e Gestão do Esporte, Técnico em Fisioterapia. Trabalhou na Prefeitura Municipal de Sumaré por 10 anos como técnico de basquetebol; por 6 anos na Faculdade Adventista de Hortolândia nas disciplinas de Basquetebol, Organização Desportiva e Marketing Esportivo, trabalha há 23 anos na Prefeitura Municipal de Hortolândia, como técnico de basquetebol, hoje supervisor da modalidade e coordenador do Poliesportivo Nelson Cancian. Foi árbitro de basquetebol internacional por 27 anos e hoje é comissário pela Liga Nacional de Basquete.

Emilia Regina Bianchi Aguiar

Jornalista, autora do livro *Nos Trilhos da Memória, um Século de Música em Sumaré*.

Fernanda Gabriela Biondo

Bacharel e licenciada em história pela UNICAMP. Mestre em Preservação do Patrimônio Cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Atualmente é consultora UNESCO na Coordenação de Educação Patrimonial do Iphan/sede. Tem experiência profissional como docente de História e Geografia, membro Conselheira do CONDEPHAEA e é colaboradora da Associação Pró-Memória de Sumaré desde 2012.

Francisco Antonio de Toledo

Professor de História formado pela PUC-Campinas. Ex-Presidente do CONDEPHAEA – Conselho do Patrimônio Histórico Artístico e Etnográfico de Sumaré. Cronista de jornais e revistas de Sumaré. Autor de Cinco livros sobre a História de Sumaré.

Glauce Ongaro

Licenciada em Matemática pela PUC; Premiada em 4º lugar no Mapa Cultural Paulista, categoria fotográfica edição 2005/2006; Diretora Social da Associação Pró- Memória Sumaré.

Hugo Jasiulionis

Graduado em Educação Física pela PUC Campinas. Especialista em Saúde e Qualidade de Vida pela FEF-Unicamp. Mestre em Saúde Coletiva pela FCM-Unicamp. Professor na rede pública de ensino. Empreendedor no ramo de serviço de Atividade Física e Ginástica Laboral. Avaliador Físico. Diretor da SANOVA – Sociedade Amigos de Nova Veneza.

José Antonio Rodrigues

Professor de Língua Portuguesa e Literatura. Pós- Graduado em Linguística. Membro da Diretoria da Associação Pró Memória de Sumaré. Diretor da EE Prof André Rodrigues de Alkmin.

Julio Jose Campigli

Cronista da Associação Pró-Memória de Sumaré, ex-Secretário de Educação Municipal de Sumaré, Supervisor de Ensino aposentado, e professor Universitário aposentado.

Roberto Cordenonsi

Empresário do ramo imobiliário; ex-Vice-Prefeito Municipal de Sumaré; Conselheiro Membro do CONDEPHAEA – conselho do patrimônio histórico artístico e etnográfico de Sumaré; Diretor da Associação Pró-memória de Sumaré e Membro do Lions Clube.

Ulisses Pedroni

Historiador: Co-autor da primeira Monografia Histórica de Sumaré e Co-autor da Segunda História de Sumaré em 1975, pela Edição Focus. Co-autor de livros sobre a História de Sumaré e fundador da Associação Pro-memória de Sumaré. Fundador do Jornal Comarca Árvore Genealógica de seu avô Marcelo Pedroni.

Germânica, Solidez e Seriedade

Presença Marcante na História de Sumaré desde 2004

Germânica
Satisfação aqui é item de série.



Germânica é nome forte quando se fala em concessionárias. A solidez e a seriedade dessa organização dispensam comentários, porque carrega uma tradição de bons negócios e de sucessos. A expansão dos seus negócios com a implantação de lojas no interior de São Paulo e em Minas Gerais é o sinal mais eloquente de sua credibilidade.

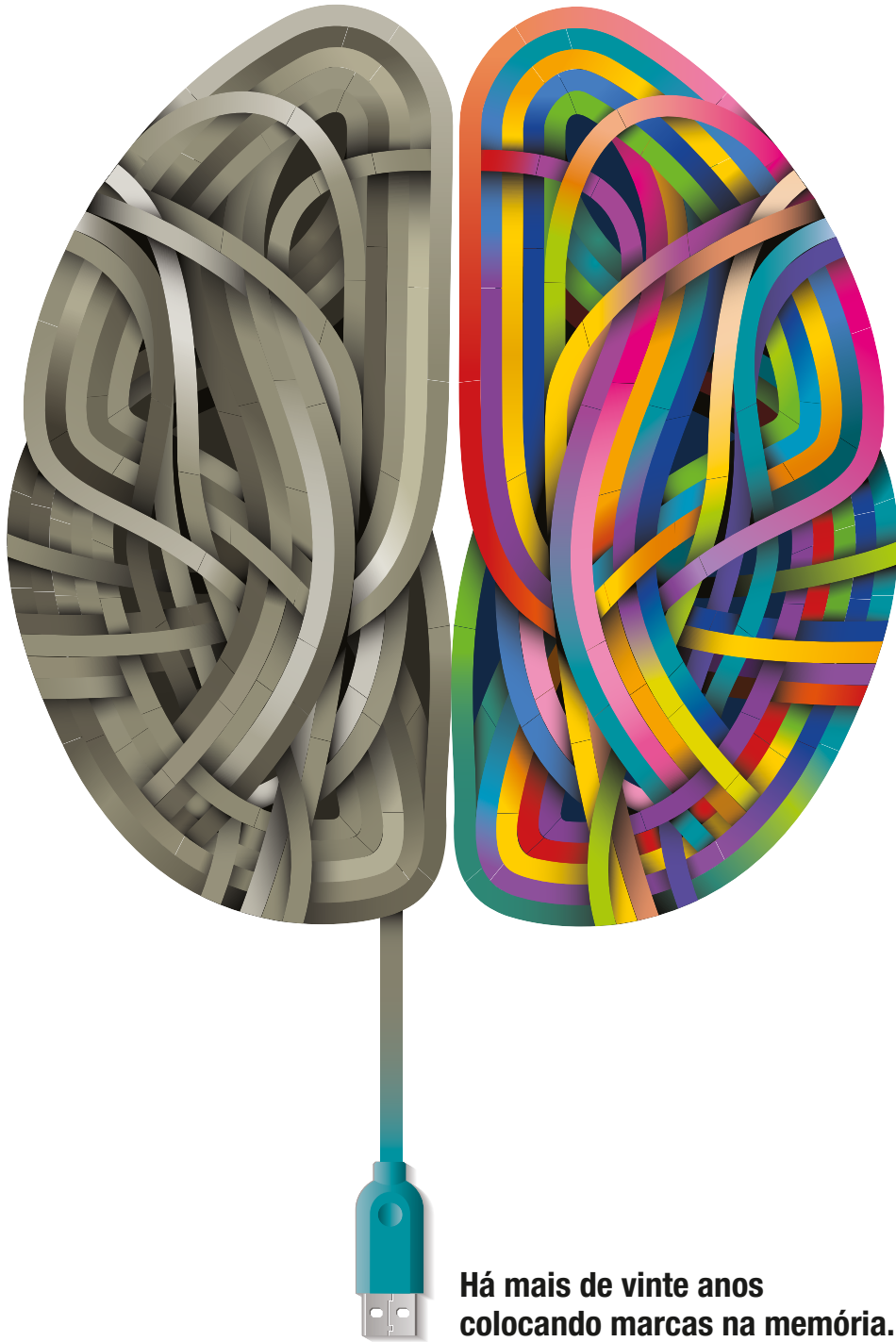
Desde 1970, a Germânica está no mercado com a inauguração da primeira loja de carros em Paraguaçu Paulista, início de uma arrancada bem sucedida. Em 2.000, ela estava em Limeira, onde estão concentrados o Centro de Treinamento, a equipe de RH,

a administração e o financeiro. Depois veio São João da Boa Vista, Poços de Caldas, Pouso Alegre, Varginha, Rio Claro, Limeira, Americana, Mogi Mirim, Pouso Alegre e Campinas. A unidade de Sumaré é de 2004.

No processo de expansão, o ano de 2005 foi decisivo para a Germânica, quando ela aderiu a uma nova marca, a Nipônica, revendedora da Toyota. Essa parceria abriu caminho para se criar parceria com a Germânica BMW (Piracicaba) e a Tennessee Harley-Davidson, pontos de revenda da concessionária. O Centro de Funilaria e Pintura da Germânica é homologado

pela BMW e pela Volkswagen do Brasil e obedece aos modelos mais rígidos de controle de qualidade. Assim, as unidades do Grupo Germânica contam com atendimento em vendas de Okm e de seminovos da Volkswagen, Toyota, Harley Davidson e BMW. Com foco na inovação, na atualização e no conforto ao cliente, a Germânica atende online e dispensa tratamento vip aos clientes, com boutiques instaladas em suas lojas.

A Germânica está em Sumaré desde 2004. Segundo o Diretor Comercial Evandro Garms, a opção por Sumaré se deu em função da localização privilegiada da cidade, do seu desenvolvimento extraordinário e do seu enorme potencial econômico. Por isso, para Garms, apesar da crise que assola o Brasil, é obrigatório ser otimista e acreditar na recuperação do país. ●



**Há mais de vinte anos
colocando marcas na memória.**

Que tal toda essa experiência a serviço da sua marca?
Ligue para nós: (11) 3897-7444
www.debrito.com.br



DEBRITO
PROPAGANDA



 www.facebook.com/avmimobiliaria
www.avmimoveis.com.br



"Tenho a alegria de trabalhar todos os dias há mais de treze anos nessa empresa que preza a ética profissional e o bom ambiente de trabalho."

Celeste Tardio
Gerente

A AVM ESTÁ HÁ MAIS DE 20 ANOS
SEMPRE JUNTO COM VOCÊ.



Unidade 1
Rua Dom Barreto, 1.350 - Centro - Sumaré/SP
(19) 3873.1000

Unidade 2
Rua Luiz Camilo de Camargo, 185 - Rem. Campineiro
Hortolândia/SP (19) 3865.4859

Câmara Municipal de Sumaré

Sabe o que a
Câmara faz
por você?

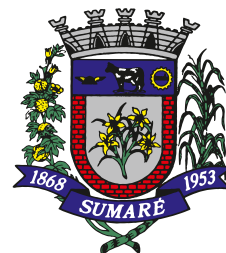
Você sabe
o que um
vereador
faz?

Sabe qual a
importância da
Câmara para
sua cidade?

Venha conhecer o trabalho da Câmara Municipal.
Participe das sessões, dê a sua opinião, critique, fiscalize.
Somente com a sua presença a democracia pode ser completa!
Sessões Ordinárias todas as terças a partir das 18 horas no plenário situado
à Travessa Primeiro Centenário, 32, Centro

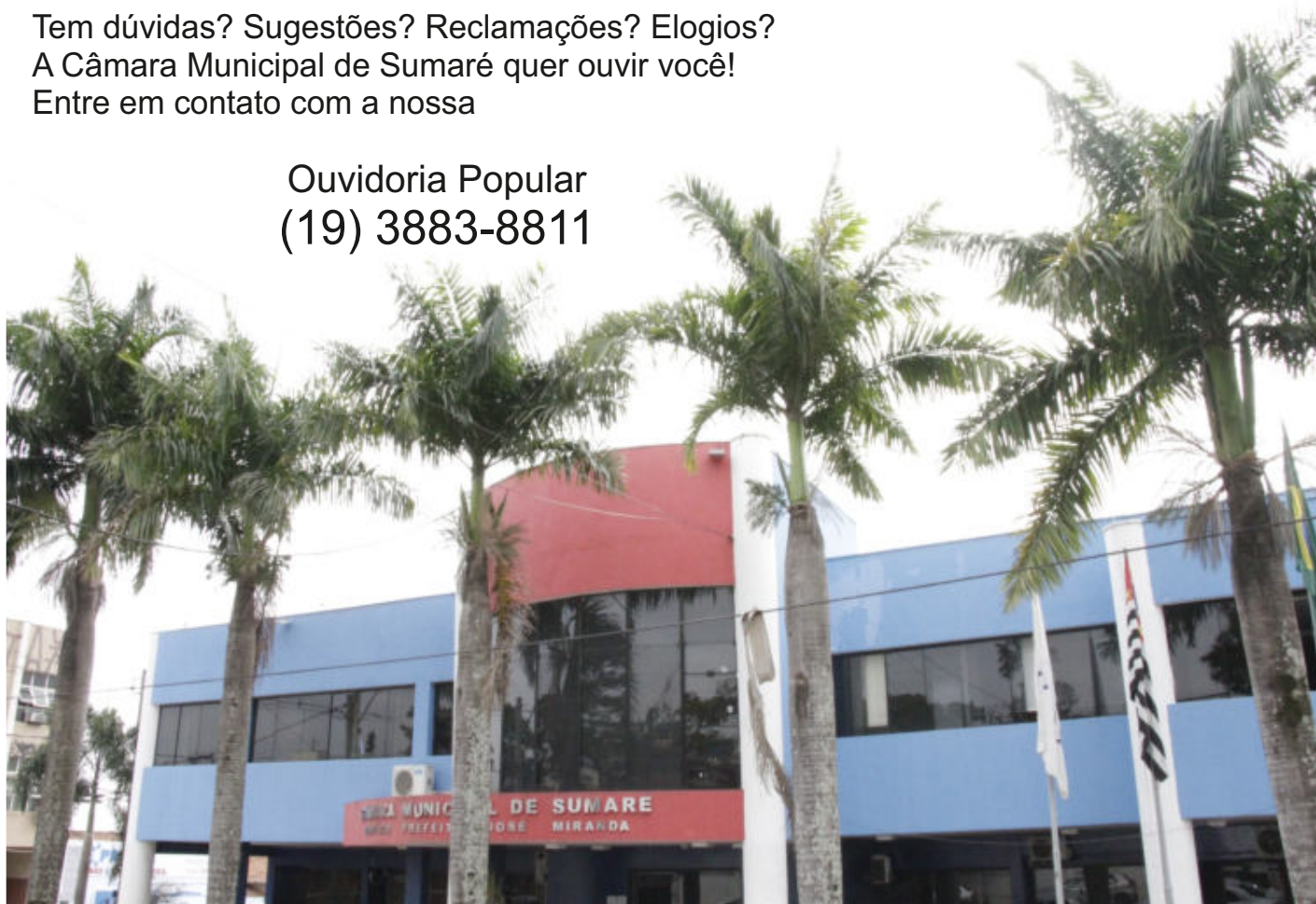
Quer alguma informação da Câmara Municipal?
Quer saber alguma Lei Municipal?
Acesse o nosso site e escreva sua solicitação no ícone
da Lei de Acesso à Informação.

www.camaradesumare.sp.gov.br



Tem dúvidas? Sugestões? Reclamações? Elogios?
A Câmara Municipal de Sumaré quer ouvir você!
Entre em contato com a nossa

Ouvidoria Popular
(19) 3883-8811





Tela da artista sumareense Maria Teresa Didona Pedroni sobre foto muito antiga do bairro de Rebouças, depois Sumaré

Apoio Cultural



Câmara Municipal de
SUMARÉ



Germânica
Satisfação aqui é item de série.

